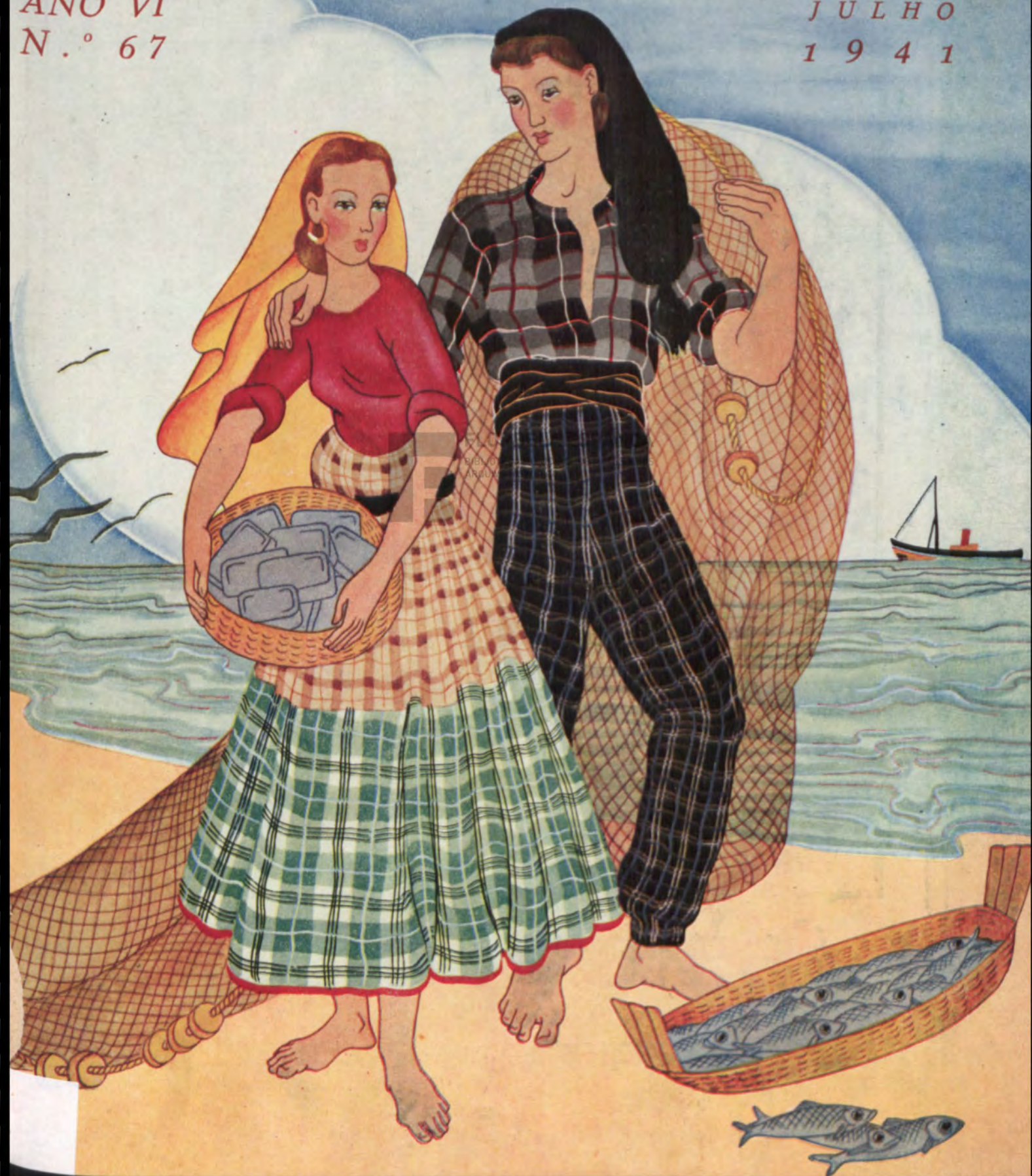


CONSERVAS

ANO VI
N.º 67

JULHO
1941



LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES

AMORIM & AMORIM, L.^{DA}

BIBLIOTECA MUNICIPAL FLORBELA ESPANCA
DATA 2003-01-28 ESPANCA
REGISTO 892813
GOTA 195/05/PAN

Avenida Menéres, 542

MATOZINHOS

TELEFONE, 329-M

FÁBRICA DE LATAS

Guedes & C.º Ltd.

SARDINES IN OIL



the brands:

GUEDES

RIVAL

OURO DO MAR

RABELA

FELGAS

CRUZADA

DALILA



are O.K.

MATOZINHOS
PORTUGAL

TELEGRAMS: *RIVAL*
MATOZINHOS

F. M. LINO DA SILVA, LIMITADA

FABRICANTES -- EXPORTADORES DE CONSERVAS DE PEIXE

PROPRIETÁRIOS DAS ACREDITADAS CONSERVAS

«LINO DA SILVA»



FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

Rua General Gomes Freire

Telefone n.º 358

SETÚBAL



Lopes da Cruz & C.^a, L.^{da}

Rua Brito e Cunha n.º 513 a 541

MATOZINHOS - Portugal



FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Telegr.: AMORAS — Porto
Código RIBEIRO

TELEFONES Estado 9
Expediente 328 e 1805
Filial: Leixões 12 M.

A. J. Gonçalves de Moraes, L.^{da}

TRANSITÁRIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO
CASA FUNDADA EM 1894

EXPEDIÇÕES
COMISSÕES
CONSIGNAÇÕES
DESPACHOS, ETC.

SÉDE:
Rua da Nova Alfandega, 18
PORTO

FILIAL:
Rua Carvalho Araújo, 1
LEIXÕES

Com Fábricas em:

Matozinhos
e
Vila do Conde

Secção de Pesca:

RUA BRITO E CUNHA, 566 a 572

Fábricas na Avenida Menéres e Avenida Serpa Pinto

MATOZINHOS

(PORTUGAL)



TELEFONE, 42-M
TELEGRAMAS:
CONSERVAS



APARTADO N.º 4

Codigos:

Bentley's

Particular

Ribeiro

A. B. C. 5.ª ed.
melhorada

Pinhais
Rios

Semper Idem
Cibeles
Edusa

M
A
R
C
A
S

Marinheiro
Sailor
Mascato
Cisne

Yo

LITO. LU/TANA-GAIA



(Meza redonda, que não é precisamente a dos pares nem a dos apóstolos, cuja presidência é ocupada pela Pimenta. Esta pequena personagem vai apresentar-nos as suas colegas, e assistiremos então, um tanto ou quanto confusos, a uma interessante reunião).

Pimenta: Vou apresentar ao auditório os meus convivas, agradecendo a todos o haverem-me nomeado presidente desta magna assembleia, facto que sem dúvida obedece à minha fama de picante. A minha origem asiática foi talvez o motivo desta distinção, e certamente porque costumo meter-me em todos os negócios.

Em primeiro lugar, tenho a honra de vos apresentar a dama da mais elevada estirpe que todo o mundo conhece pelo nome de **Sardinha**. Não é ariana. Senhora de altos merecimentos, brilhante como a prata de Potosi, linda como as rosas búlgaras que se comem em doce, e anterior em muito aos tempos faraónicos, cobiçada e venerada não só pelos cretenses mas também pelos gaulezes; a princesa dos mares com trajes de sereia. E' universalmente conhecida. A's vezes, nós mesmos, os asiáticos, lhe queremos teste-

COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA

Assembleia das Matérias Primas

Por José A. Mora

munhar o nosso amôr e lhe mudamos o nome, mas isso não impede que ela se conserve atlântica e continue a adorar as nossas costas. Não pode viver tranqüila sem se associar aos amigos que ides conhecer.

Tenho aqui à minha direita o riquíssimo fruto, convertido em líquido, daquela árvore que Columela qualificou, há dois mil anos, como primeira entre todas, dizendo ser a obra mais acabada do reino vegetal; aquela árvore que os pobres gregos erigiram como símbolo da Paz e da Sabedoria. Árvore à qual o cristianismo rende a oferenda de Ramos, e licôr do fruto com que alumia os seus altares. E já que falamos de árvores, não podemos deixar no esquecimento os majestosos pinheiros que crescem nas ribeiras e montanhas e que vós utilizais nas caixas das vossas conservas.

Lembro a êste respeito o que Joaquim Costa disse em sua defesa, e em defesa de todos os seus companheiros que os homens maltratam: «Vivos, regulam com suas fun-

a esperança de que a importância dêste empreendimento não deixaria de atrair as atenções do nosso Governo que, primeiro do que nós, sem dúvida, há de ter visionado a situação das nossas duas grandes indústrias, Pesca e Conservas, em face do incerto e difícil abastecimento de fôlha de origem estrangeira.

E é por isso que nós mais uma vez

apelamos para a boa vontade e valorosa iniciativa dos nossos dirigentes no sentido de se dar a Portugal os meios necessários para cá se fabricar a fôlha de Flandres necessária para as várias indústrias que dela carecem.

Noutro lugar recolhemos com intensa alegria a opinião de um distintíssimo engenheiro que disserta brilhantemente sôbre a viabilidade de tão grandioso projecto.

ções a vida da Natureza; mortos, regulam com seus despojos a vida social. Vivos ou mortos, acompanham-nos sempre no curso da nossa vida, como se fôssem uma dilatação do nosso corpo ou um anjo tutelar do nosso espírito. Ao nascer, recebe-nos como mãe amantíssima nas quatro táboas de um berço; ao morrer, recolhe-nos como divindade clemente nas quatro táboas de um ataúde, e restitue-nos ao seio da terra de onde eles e nós saímos; e do berço até à cova não há minuto em que nos possâmos declarar independentes dêles, nem rincão da casa que não se reconhêça parente seu em linha recta, nem pedaço do seu corpo que não sirva para alguma das nossas necessidades. Consoante estas progridem, a virtualidade da árvore se desenvolve em novas manifestações e progride também: um dia chegará em que não precisamos dos seus troncos robustos para sustentar o telhado dos nossos lares, porque o ferro o destronou, nem dos seus pomposos ramos para coser os nossos alimentos e afastar o frio e as trevas das nossas habitações, porque foi suplantado nêstes officios pelo carvão mineral; mas então a sua presença se metamorfoseará e a árvore se converterá em veículo das nossas ideas e meio de comunicação entre os homens no poste do telégrafo e no papel de madeira. O que ontem era carvão negro, é agora fôlha branca de periódico. Ontem nos aquecia os corpos, e agora nos ilumina as inteligências. Ontem congregava em redor do lar os membros dispersos da família, hoje junta em santa comunidade de pensamento todos os povos e raças que compõem a família humana.

Morrendo a morte da Natureza, a árvore dignificou-se, adquirindo uma vida superior; de tôsca matéria quási se converteu em espírito».

Além disso, caros colegas, a árvore susteve sôbre os seus hombros aquelas caravelas com que os famosos navegantes deram num nôvo mundo ao mundo velho.

O que está à minha esquerda é o **Óleo** que aparece sob o manto crême do seu ves-

tuário e se chama *Mendobi*. Cresce nas cálidas ribeiras angolanas e aqui nos chega suave e dôce, para corrigir as côres vivas e a acídês agreste do azeite mal trabalhado.

Apresento-vos agora o **Sal**. O primor dos primores; o gôsto dos gostos. Branco como as açucenas e fino como a espuma das ondas, multiplica-se por Aveiro e Setúbal, e tem prestígio universal. O famôso Gandi tributa-lhe o fervor dos tributos indianos. A sua fama não precisa, como as conservas, que o I. P. C. P. lhe dedique propagandas e publicidades. Onde quer que esteja, o Sal marca sempre. A sua existência é imperecível. Conhecêmo-lo dêsde o batismo.

Chega agora a vez da dama de mais lantejoulas que os homens criaram. E' um pouco ambigua e agressiva. Chamam-lhe *de Flandres*, mas não tem nada de flamengo. Exibe orgulhosa a sua brilhantês e é uma impostôra. Quási nunca acode quando a chamam. E' sem dúvida a mais esquiva das personagens presentes. Parece soberba como uma ditadora. Os seus discursos são filosóficos à maneira de Shakespeare e as suas palavras são as de John Bull. Não se deixa acariciar nem que a matem.

Acompanha-nos, submissa e obediente, a borracha, que dêsde o Amazonas não deixa de ser hermética. Fala português e haveis de compreendê-la perfeitamente.

Apresento-vos agora o Senhor **Arame**. Apareceu de surpresa nesta reunião. Ouvilo-êmos, se é que êle pode fazer-se compreender.

A seu lado está o **Carvão**. Preto, embora não seja africano, todo se consome quando sente o amôr de uma caldeira. Tem perfeito direito a um lugar nesta meza, se nos remontarmos à velha ascendência. A seu lado, de mãos dadas, mui ufana, está a Senhora **Tinta**. Parece o arco-iris. Não sabemos se o que pretende é desligar-se do chumbo e reclamar o divórcio.

Quieto e isolado vêmos naquêle canto o amigo **Chumbo**. O pobresito não sonhara sequer quanto aqui é apreciado, e como o



distinguem os analistas americanos. E' brando como a manteiga. Os seus saís, sem embargo, são o papão dos industriais.

E agora que vos apresentei as boas matérias primas, passemos a discutir a ordem do dia. Em a palavra o **Azeite**.

—Ilustres camaradas—começa o sumo da azeitona. Fui aqui chamado para protestar, com minha comadre a *Sardinha*, contra a falta de fôlha que vai causar o meu racionamento e o desprestígio da *clupea* tam amada no mundo. O meu Grémio está inteiramente ao lado do Grémio das conservas, seu grémio, mas o Grémio dos metais anda tam mal da vista que ficou cego ao saber que se precisa de milhões de fôlhas para saciar a fome de milhares de cortantes e de soldadoras, e então lembrou-se de procurar a lâmpada maravilhosa para ver se encontra uma parte destas lâminas no outro mundo.

—Eu, disse a misteriosa **Fôlha**, chorando como uma recém-nascida, não sou culpada de me terem atacado à metralha. No fundo sou pacifista e preferia converter-me em latas. O meu camarada **Estanho**, ausente desta assembleia, porque é muito envergonhado, poderia falar por mim. Se a *casseterite* estivesse presente, me teria defendido, defendendo-se a si.

A propósito do **Estanho**, acrescentou a *Fôlha* com energia, é mister tomar medidas severas e castigá-lo, porque bom é que eu não saia dos fornos americanos, mas não se compreende que o meu entranhado companheiro fuja como se o perseguissem os guardas ao passar a fronteira e tomar rumos desconhecidos, quem sabe para que serviços.

—!Que é que quereis de mim? exclama o *Pinheiro*. Não basta que os homens me arranquem do meu solo amado; também o vendaval se mete comigo. Já não posso servir para mais coisas. A um meu irmão o converteram em navio que lá se foi para a Terra Nova. A outro irmão o transformaram em achas, a êle que era o orgulho do bosque. Não nos deixam a amparar a terra com as nossas raízes para que não a

leve a enxurrada, nem que detendo a fúria do vento façamos com que se criem os frutos dos arbustos. Estou sempre às ordens para cumprir o que me couber em sorte.

O presidente volta a chamar a atenção da assistência e pede ao Sr. Amendoim que fale, visto possuir farta experiência.

—Encontrava-me eu—disse a semente do óleo—feliz de viver entre raios de luz e algodoeiros, quando me triturraram para fora do meu lar. E' certo que assim, líquido, sou mais digno de venturas, mas, camaradas, não há direito de me deterem nos mares e afundarem como se não fôsse necessário em tantas fábricas.

Ergo a minha voz para pedir à digna assembleia que se dirija aos poderes mais altos a-fim de resolverem, autárticamente, o caso da fôlha. Porque, ao que parece, tudo é solucionável com excepção das tais lâminas metálicas.

Um grunhido surdo se fez ouvir: era o carvão; não o entendemos.

Por fim, o pezado chumbo deu o seu parecer. Estava de acôrdo com o Sr. Amendoim. Em aparte referiu-se ao abuso que se cometia com êle, e julgamos ter-lhe ouvido: «nem mesmo creio na paz dos sepulcros», recordando-se talvez de uma conhecida ode espanhola.

—Que falem as chaves!, bradou a *Pimenta*.

—Nós temos como representante o *Arame*, e temos a dizer que o arame é um tratante porque não quere atrever-se a atravessar o mar.

—A presidência vai resumir as considerações expostas—disse a pequena *Pimenta* com voz melíflua. Aqui não nos entendemos. Cada um «puxa a braza para a sua sardinha», e com tão pouco juízo nem haverá trabalho nos lares nem felicidade nas gentes, nem fumo nas chaminés. E' preciso raciocinar. Aceitemos a proposta do Sr. Amendoim, e como isso não é bastante, propônho que continuemos reunidos em sessão permanente até que a qualquer dos dignos colegas ocôrra a maneira de resolver o caso.





FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

TELEGRAPHIC ADDRESS:

"CONTINENTAL"
MATOZINHOS

PRESERVED SARDINES
IN OIL AND
IN TOMATO



CONSERVAS DE SARDINHA IGUAIS ÀS MELHORES

ACTIVA

FABRICA DE CONSERVAS J. SERRANO JUNIOR

MARCAS = ACTIVA — BORITH — LALITA — LEIXÕES — TULLIA — BAYADERA

AVENIDA MENÉRES, 314 - RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 397
MATOZINHOS (Portugal)



IMPÕE-SE PELA
QUALIDADE
DO SEU FABRICO

Hors d'œuvre Sans "Sagrália" pas complet

Sardines exquisas...
quelques marques célèbres

"SAGRALIA" - "TORRES"
"MARIAZINHA" - "SALVE"
"JOSIRES" - "ONDINA"
"BALIO" - "MINHO"

ADRESSE:

Empresa de Pesca e Conservas
"SAGRADA FAMÍLIA"
Mr. JOSÉ DA SILVA TORRES
RUA DE BRITO CAPELO
MATOZINHOS (Portugal)



FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



Conservas
LOPES COELHO DIAS

MATOSINHOS - PORTUGAL

Farinhas para adubos
e Alimentação de gado

OLEOS DE PEIXE

Endereço
RAFREIS

TELEFONE
344 - M



Fábrica de Farinhas e Oleos de Peixe

DE

RODRIGO D'ARAUJO FREITAS

Rua Brito e Cunha, 575
MATOZINHOS



Fábrica de Conservas VASCO DA GAMA, L.^{da}

Avenida Menéres, 635

TELEFONE, 119

Matozinhos — Portugal

Telegramas: NAVEGADOR

FLORBELA ESPANHA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



ARNALDO RODRIGUES PEREIRA

TELEFONE, 97 - M

P O R T U G A L

Especialidade em máquinas
e ferramentas para a
Indústria de Conservas

●
EXPORTAÇÃO
de sardinhas em conserva nas marcas:

Vasco da Gama

Dolly

Cabralinas

Cabral

Triunfante



A Z E I T E S

SARDINES
IN OIL



SARDINES
IN TOMATO

FACOLE -- FÁBRICA DE CONSERVAS LEIXÕES, Lda.
MATOZINHOS
PORTUGAL

REGISTERED BRANDS:



E

FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



TELEGRAMS: FACOLE
MATOZINHOS

TELEPHONE M-359

P. O. BOX 29

EMPORIUM



LUIZ VIANA

EXPORTADOR

OF ARTISTAS REUNIDOS

Matosinhos

caso da lota de Matozinhos a que tantas vezes nos temos referido.

Ainda não é tudo: é indispensável encarar agora o da medida uniforme, mas...

* * *

Em 17 de Maio recebemos uma circular do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte que começava assim:

«Foi finalmente possível conseguir-se que fôsse atendida a nossa pretensão de há tantos anos; vedar convenientemente o recinto destinado à lota da Sardinha».

Vendedores e compradores tomaram a seu cargo a respectiva despeza e pagaram.

A sáfra principiou, mas a vedação continúa ausente e... continuamos como dantes.

? Mais comentários?

? Para quê?

* * *

Um só comprador de conservas em qualquer país do mundo, deveria encontrar-se com um só vendedor em Portugal.

Sob este aspecto os Grémios não estão à altura das circunstâncias, talvez porque não lh'o permitem os seus estatutos ou as leis por que se regem.

Mas este caso recórda-nos velhas campanhas que não desejamos tornar a mencionar.

* * *

Os campos de luta económica tendem a estender-se. As conservas de sardinha são muito procuradas. Para podermos governar, contudo, torna-se necessário produzir fôlha no nosso país.

Esta é a conclusão incontestável. Parece que se está fazendo alguma coisa nêsse sentido, e já não é mau que haja quem se preocupe com estudar económica e tecnicamente a questão.

* * *

Preguntou-nos um bom amigo porque é que a nossa «Creche-Escola-Maternidade» ainda não era do mundo das coisas vivas, e nós não soubemos o que havíamos de responder. A resposta está fora do nosso alcance. Talvez o I. P. C. P. pudesse fazê-lo—e assim lh'o suplicamos.

Consta que os terrenos com tanta solicitude comprados para construir os edificios daquela instituição, vão ser vendidos.

Confessamos que continuamos na lua—e de tão alto a ver navios.

* * *

Últimamente fizeram-nos uma proposta dessas que se chamam «toma-lá-dá-cá». Antes tínhamos perdido muito tempo ouvindo palavras bonitas que se foram, como a água dos rios, a perder-se no mar das ilusões. Nada ficou das promessas porque estas tinham escondidas entre as flôres da oratória benevolente os espinhos, ocultos com tino e cuidado.

Chegou o momento de contemplar e aspirar a fragrancia do elegante bouquet, e ferimos então a epiderme nos espinhos das flôres. A verdade é que quando se querem rosas de outros climas esquecêmo-nos freqüentemente que têm espinhos, e o esquecimento leva-nos a maravilhar-nos daquilo que é tão normal e tão certo: isto é, o espinho é a defesa da rosa.

* * *

As 1001 noites estão em moda. Diga-o as vezes que nos encontramos com Bagdad. Também Damasco nos recorda S. Paulo. Uma é a obra do mistério oriental sob véus ainda difficilmente levantados. A outra é a visão do apóstolo dos pagãos que transforma os seus erros em fé ardente. Vinte séculos e tudo na mesma: mistério.



Andorinha

O Grande Contrato

Não estando ainda concluídos os trabalhos sôbre a realização do contrato de fornecimento de 1.100.000 caixas que a «United Kingdom Commercial Corporation, Ltd.», realizou com uma comissão de Exportadores e estes, por sua vez, desejam efectuar com os industriais, sômos obrigados a deixar para o próximo número os nossos comentários conforme prometeramos no artigo «ANOMALIAS» do mês de Junho findo.

“Casa Inglesa precisa ofertas Sardinhas de 2.ª escolha para o mercado africano. Resposta a este jornal a L. & F.”.

Notas sôbre temas industriais

pele Eng.º MERCIER MARQUES

Com a devida vénia, transcrevemos da "Indústria Portuguesa"

Fôlha de Flandres

Se pensarmos, um momento, que a Indústria Portuguesa de Conservas, com as suas 200 fábricas, a sua exportação de 200 a 250.000 contos e os seus 40 a 50.000 operários, depende inteiramente da fôlha de Flandres importada, não poderemos iurtar-nos a uma grave preocupação.

E' como se, ao admirarmos um belo e vasto edificio, verificássemos, de-repente, qualquer séria deficiência na sua base.

E ainda, há pouco, a propósito de certas dificuldades surgidas para a obtenção de «navy-certs» relativos à importação de fôlha de Flandres, sentiu-se nitidamente aquela deficiência.

Pode a segunda exportação do país, em ordem de importância, estar à mercê de tais contingências?

Deve a existência de uma grande indústria e a dos seus 50.000 operários depender do envólucro estrangeiro dos seus produtos?

Difícilmente se compreenderá que assim suceda.

Não é só em tempo de guerra que o perigo existe—verdadeira espada de Damócles suspensa sôbre aquela indústria—mas, mesmo em época normal, o preço da fôlha de Flandres, sujeito ás altas e baixas das especulações internacionais, pode influenciar de forma perigosa a vida da nossa indústria de conservas.

De facto, actualmente, bastará que uma subida insólita do preço da fôlha de Flandres se verifique nos mercados fornecedores, para que a venda das conservas sôfra dificuldades, se nos seus mercados de consumo não fôr aceito o agravamento de preço, reflexo do da fôlha empregada na lataria.

Em refôrço do que acima se diz, convém lembrar que o custo da fôlha entra por cêrca de 20% no valor global das nossas exportações de conservas, o que evidentemente é muito importante. Isto, admitindo-se que a maior parte da fôlha que importamos se destina ás conservas, o que não deve andar muito longe da verdade.

Em face destas circunstâncias, vejamos se o problema tem quaisquer probabilidades de solução.

Até 1939, a importação de fôlha de Flandres era-nos dada, no Boletim de Estatística para o

Comércio Externo, sob a rúbrica «Ferro ou aço, batido ou laminado, coberto de outros metais por qualquer processo». Sob aquela designação incluíam-se, evidentemente, além da fôlha, também a chapa galvanizada e outras, o que tornava difícil discriminar-se a importação que nos interessa, recorrendo apenas ao Boletim.

O movimento registado em 1937 e 1938 foi o seguinte:

1937		1938	
Tons.	Contos	Tons.	Contos
35.000	80.400	20.800	47.000

A partir de 1939, porém, a antiga rúbrica desdobrou-se e, hoje, é possível saber-se com rigôr quais as nossas importações de fôlha de Flandres, esclarecidas pelo artigo 165-A «Ferro ou aço, batido ou laminado: fôlha de Flandres, simples».

O movimento do Comércio Externo foi, sob esta rúbrica, o seguinte:

1939		1940	
Tons.	Contos	Tons.	Contos
15.800	38.000	26.400	90.200

«grôssos modo», pode pois, dizer-se que os preços, em 1940, subiram 50% em relação aos de 1939, segundo se depreende aos dados estatísticos acima registados.

Igualmente se poderá concluir dos mesmos dados que as nossas importações de fôlha de Flandres que, em 1940 atingiram a extraordinária cifra de 90.000 contos, não descem muito além de 50.000 contos, em tempo normal.

Assim, teremos uma importação média de umas 20.000 tons. de fôlha de Flandres que nos custam, anualmente, à roda de 50.000 contos. Nestas bases, o produto sai-nos à razão de Esc. 2\$50 por kg.

Ora, reportando-nos aos preços de antes da guerra, seja de cerca de Esc. 27\$00 por kg. de estanho e de mais ou menos Esc. 1\$00 por kg. de chapa laminada vulgar, podemos verificar a desproporção que existe entre o valor dos componentes da fôlha de Flandres e a própria fôlha importada.

Com efeito, se considerarmos que na fôlha de Flandres existem apenas 2 por cento em peso de estanho, segue-se que nas 20.000 tons. que importamos, há aproximadamente umas 400 tons. de estanho que, à razão de Esc. 27\$00 por kg. custariam menos de 11.000 contos. As 19.600 tons. de chapa necessárias à fabricação daquela fôlha de Flandres exigiriam, a uma média de Esc. 1\$00 por kg., cerca de 19.600 contos.

Portanto, o preço dos componentes da fôlha importada anda, aproximadamente, por:

$$11.000 + 19.600 = 30.600 \text{ contos}$$

Admitindo-se êstes números como bastante próximos da verdade, nota-se que a diferença entre aquêlê total e os 50.000 contos que nos custa a fôlha de Flandres importada, nos deixa uma margem de quasi 20.000 contos para o trabalho da estanhagem, lucro, etc. que, à primeira vista, parece largamente suficiente.

Não esqueçamos que o valor atribuído à chapa de ferro é aquêlê pelo qual ela nos aparece na Estatística da Importação e, portanto, já sobrecarregado com o lucro do produtor, fretes, seguros e outras despesas.

Isto basta para que possamos admitir que a sua fabricação dentro do país permita obtê-la a preço mais favorável e, portanto, que a margem a que acima nos referimos, aumente ainda.

De resto, ponderando que a vida da indústria portuguesa de conservas depende—por muito extranho que tal pareça—da fôlha de Flandres que recebe do estrangeiro, a produção dêsse material dentro do país terá de considerar-se de interesse nacional e, nesta ordem de ideas, o seu preço de custo deixa de ser o factor mais importante a encarar.

Isto significa que, embora mais cara que aquela que importamos, (admitindo a hipótese pouco provável de não poder obter-se mais barata ou ao mesmo preço) ainda assim se deverá procurar fabricá-la dentro das fronteiras, dênde que se garanta a independência da indústria das conservas e se suprimam os riscos de cessar a importante exportação dos seus productos.

E, se em apoio dêste ponto de vista, não bastasse o facto de viverem da fabricação das conservas cerca de 50.000 familias, bom é lembrar que a indústria da fôlha de Flandres impediria a saída de um caudal de ouro, que orça por meia centena de milhar de contos, vantagem cujas

conseqüências desnecessário se torna encarar.

Resta saber se o estabelecimento de tal indústria em Portugal é ou não viável.

A' primeira vista parece que sim.

De facto, abstraindo da questão do capital que, neste momento, é bastante secundária, a fabricação da fôlha de Flandres exige, essencialmente: ferro, estanho, cloreto de zinco, óleo de palma, serradura e combustível.

No que respeita ao ferro, o problema não se apresenta com dificuldades extraordinárias porquanto, sem falarmos já na possibilidade de aproveitamento de parte daquêlê que se produz na Alhandra, há ainda a de se utilizar a elevada tonelagem do que, sob a forma de sucata, e por baixíssimo preço, actualmente se exporta.

Essas exportações têm sido as seguintes:

Exportação

Ferro, aço, em sucata, limalha, aparas, etc.

1937		1938		1939	
Tons.	Contos	Tons.	Contos	Tons.	Contos
24.240	5.739	17.875	4.367	15.588	3.938

Do quadro acima se conclue que dispomos, em média, de quantidades de sucata superiores a 15.000 tons. anuais, até agora exportadas por valores inferiores a Esc. \$25 por kg., e susceptíveis de aproveitamento na indústria da fôlha de Flandres.

Quanto ao estanho, cuja metalurgia, em virtude da guerra, bastante se tem desenvolvido entre nós nos últimos tempos, crêmos não existir qualquer dificuldade em o obter na quantidade exigida por uma fábrica de chapa estanhada capaz de suprir as necessidades da indústria das conservas.

Nem o cloreto de zinco necessário à decapagem e para o fabrico do qual basta dispôr-se de sucata de zinco e ácido clorídrico, nem o óleo de palma e a serradura, parecem obstáculos sérios para a montagem de uma indústria de fôlha de Flandres.

Em última análise, o problema reduz-se, como quasi sempre sucede no nosso país, a um problema de combustível e de energia barata.

Mas, mesmo assim, êle não parece insolúvel.

O aproveitamento criterioso dos combustíveis portugueses, feito nos locais da produção, para evitar o seu transporte, é porventura a forma mais racional de contornar a dificuldade. Antes de qualquer resolução definitiva dever-se-ia,

CUNHA FERREIRA J. Vieira Coelho, Silva & C.^a, L.^{da}

CASA FUNDADA EM 1880

Teleg.: BREVETS

Telefone, 2 5034

Litografia e Fabricação Mecânica
de embalagens em fôlha de Flandres

Escritório e Fábrica:

RUA DA MEDITAÇÃO

Telefone
15.106

PORTO

Marcas e Patentes

em Portugal-Colónias-Estrangeiro

Correspondentes em todos os países

Largo do Corpo Santo, 27—LISBOA



Sardinhas Portuguesas

Luças

Endereço teleg.: LUÇAS

Telefone, 118-M

Apartado n.º 6

Códigos } Ribeiro
ABC 6.ª Ed.
Particular

Joaquim Ferreira Pedro Luças & Filhos

Espécialité en sardines pressées et anchoix en saumure

Marques déposées:

**MAURICIA
LUÇAS**

**MATOZINHOS
Portugal**

António Rodrigues de Souza

DESPACHANTE
OFICIAL
NA

Telefones n.º 35, 159 e 24-M — Endereço Telegráfico: «ANTOS» — Leixões
Escritório: CAIS DO MOLHE NORTE

Delegação de Leixões

LEÇA DA PALMEIRA — LEIXÕES

Delegado no Pôrto da

Companhia Geral de Angola

ESCRITÓRIO NO PORTO:

R. SÁ DA BANDEIRA, 107-1.º-Telef.: 5976

Despachos de vapores, navios e mercadorias. Armazéns no Cais do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Barcagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Sardines in
Oil, Pure
Olive Oil
and —
Tomato
Sauce



BRANDS:
Celestial
Lucrecia
Auspiciosa
Joarco
Dossil

558, AVENIDA MENÉRES, 578

MATOZINHOS—Portugal

Teleph. 83—P. O. Box 16

Cable Address: JOARC



FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ERUJIVO HISTORICO

PUBLICIDADE
OFICINAS
ARTISTAS
REUNIDOS

PORTO-SÓ

DESIRABLE

AVIZ-VÉSPER

FABRICA DE CONSERVAS



HEAD OFFICE
MATOZINHOS
(PORTUGAL)

FACTORY
VILA DO CONDE
PORTUGAL

EDMUNDO FERREIRA



evidentemente, ouvir o Instituto Português de Combustíveis, entidade competente para dar parecer sobre tal assunto.

Um ponto, muito importante, que não deverá passar para segundo plano é, sem dúvida, o da técnica.

No momento presente, não julgamos extremamente difícil o contratar-se no estrangeiro um técnico com a necessária competência para a superior direcção de uma indústria da natureza desta.

Supomos, mesmo, que muitos desejariam trocar o ambiente em que vivem nos seus países, pela calma e sossêgo do nosso.

Vejamos, agora, em que consiste, nas suas grandes linhas, a fabricação da fôlha de Flandres.

Fabricação da fôlha de Flandres

As operações principais desta indústria são:

- 1.º Laminagem do ferro
- 2.º Decapagem
- 3.º Estanhagem

1.º A laminagem efectua-se, como ordinariamente, por compressão dos blocos de ferro, a quente, entre cilindros.

Passagens sucessivas em laminadores de cilindros cada vez mais próximos, permitem que se atinja a espessura desejada.

Para as chapas de muito pequena espessura, a laminagem efectua-se, simultaneamente, sobre diversas chapas sobrepostas.

2.º A decapagem tem por fim realizar-se uma limpeza perfeita da superfície das chapas a estanhar, de forma que a estanhagem se faça uniformemente e com boa aderência dos dois metais.

Para esse fim empregam-se banhos de cloreto de zinco, sal obtido pela acção do ácido clorídrico sobre o zinco.

As chapas são tratadas em tinas pela solução de cloreto de zinco e, finalmente, lavadas com água simples.

3.º A estanhagem segue-se à decapagem. Efectua-se em máquinas automáticas onde as chapas são sujeitas à acção de dois banhos sucessivos de estanho fundido.

Retiradas da tina onde se encontram mergulhadas em água simples, as chapas dão entrada no primeiro banho de estanho, sobre o qual sobrenada uma camada de cloreto de zinco fundido.

As chapas, atravessam o cloreto de zinco e, seguidamente, mergulham no primeiro banho de

estanho, depois do que são arrastadas por dois cilindros para o segundo banho de estanho.

Sobre este estanho em fusão sobrenada uma camada de óleo de palma.

Do segundo banho de estanho as chapas são retiradas por meio de outros dois cilindros que as introduzem num banho de óleo de palma que lhes mantém a temperatura, enquanto escorre o excesso de estanho arrastado.

O estanho em excesso cai no fundo do banho de óleo.

As chapas passam, então, à máquina de limpar, onde atravessam uma camada de serradura, depois do que são limpas por meio de cilindros revestidos de pele de carneiro e, finalmente, são controladas uma a uma e empacotadas.

Eis, em traços muito gerais, o que é a indústria da fôlha de Flandres.

Nem no seu aspecto técnico nem no seu aspecto económico parece carecer de viabilidade entre nós.

A tonelagem que o consumo do país exige justifica já, plenamente, a sua montagem, principalmente se não esquecermos o que ela representa para a vida da indústria das conservas.

A cifra de 50.000 contos que nos custa a importação de fôlha estanhada, é sem dúvida merecedora do interesse dos que disponham de capitais.

Uma produção anual de 20.000 tons. de fôlha já permite constituir um bloco industrial de indiscutível importância devendo, a título de orientação, dizer-se que antes da guerra de 1914, a própria França apenas produzia 40.000 tons. daquêl material.

Esta produção tinha, nos últimos anos, duplicado.

Recuperação do estanho da sucata de fôlha de Flandres

Poder-se-iam, talvez, considerar demasiado sucintas estas notas se não fizéssemos, embora ligeira, uma referência à recuperação do estanho das sucatas de fôlha de Flandres, geralmente constituídas pelos retalhos inaproveitáveis das oficinas de lataria.

Não são para desprezar as quantidades recuperáveis, como adiante se verá.

Portugal exporta anualmente uma tonelagem relativamente importante de retalhos de fôlha que a indústria estrangeira trata para lhes retirar o estanho.

Nos últimos quatro anos essa exportação foi a seguinte:



IDEIAS

CONCURSO DE

NO intuito de despertar o interesse por alguns problemas de importância vital para a indústria conserveira, a Revista "Conservas" resolveu promover um concurso de ideias a que deu o sugestivo título de "Ideias Novas" na esperança de que algumas novas ideias venham beneficiar a indústria portuguesa de conservas. Para este concurso distribuiremos prémios pecuniários e de arte. As teses do nosso concurso são as seguintes:

1.ª TESE

Os Grémios de Industriais de Conservas.

Estudo crítico do que deveriam ser as suas atribuições e fins (decreto 26.775), assim como da amplitude que a estas se deveria dar, tendo em conta o que a Cartilha do Corporativismo expressa nos seus capítulos: "A Função dos Grémios"—"A Iniciativa Privada"—"A Defesa da Iniciativa"—"A Riqueza"—"O Capital"—coordenando tudo com sugestões próprias que mais esclareçam o alcance das suas actividades actuais e as possíveis actividades futuras, ou, em resumo: para que os Grémios correspondam com eficácia ao objectivo da sua criação—**Quais deveriam ser as suas atribuições e fins?**

2.ª TESE

A Indústria de Conservas antes e depois da sua organização oficial.

Passado, presente e futuro, em relação com o seu desenvolvimento.

3.ª TESE

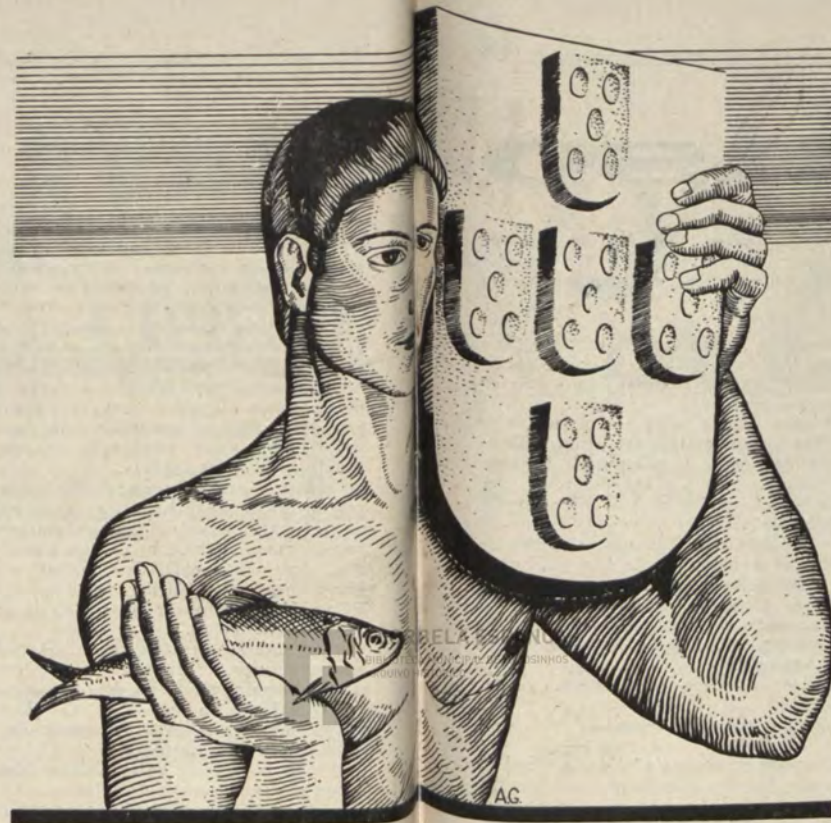
A disciplina da concorrência é a primeira missão dos Grémios.

(Capítulo 42 da Cartilha do Corporativismo).

"Como pode evitar-se a concorrência dos industriais entre si?"

4.ª TESE

Cuidados especiais na fabricação de Conservas de Sardinha em geral, e especialmente ao salgar, engrelhar, lavar, coser,



NOVAS

«CONSERVAS»

enlatar e cravar.—Princípios em que se funda a conservação. Esterilização. Alterações do produto. Higiene. Comércio. Os mestres. A fiscalização.

Convém esclarecer que nesta tese não deve tratar-se do método de fabricação, mas sim dos **Cuidados** inerentes a qualquer método, quando se quere produzir bem. O concorrente pode também fazer menção de processos condenáveis se quizer pô-los em contraste com os melhores.

Fabricar Fôlha de Flandres, tem sido o nosso clamor constante dos últimos tempos. Já antes da guerra esta revista apelou para a boa vontade e iniciativa nacionais a-fim-de se realizar uma aspiração industrial que seria uma das mais brilhantes conquistas deste notável período de ressurgimento nacional: a fabricação de fôlha de Flandres no nosso país.

Neste momento, porém, em que a questão da fôlha de Flandres atingiu a acuidade gravíssima de um problema de importância vital para a economia da nação, a nossa campanha deixou de ser clamor para se tornar num apelo a todos quantos podem contribuir para a instalação em Portugal de uma fábrica de fôlha de Flandres.

E porque este problema é dos mais instantes e oportunos na vida da indústria portuguesa de conservas, esta revista propõe a seguinte tese, com um prémio pecuniário para o melhor trabalho apresentado:

5.ª TESE

Fabricação de fôlha de Flandres em Portugal.

Estudo das possibilidades de instalação. Materiais indispensáveis à montagem de altos-fornos e melhor localização dos mesmos. Aparelhagem necessária e possibilidade de aquisição. Cálculo económico-financeiro, isto é, capital preciso para este empreendimento.

6.ª TESE

"Canto à Sardinha".

Poema em prosa ou em verso com liberdade de expressão no primeiro caso e de metro no segundo.

CONCURSO

INICIAMOS hoje a publicação dos trabalhos recebidos para este Concurso. São eles os números 1 e 2 ambos do Sr. José Rodrigues Canedo.

No próximo número inseriremos outros pela ordem cronológica por que chegaram à nossa redacção:

(CANTO 'A SARDINHA)

INVOCAÇÃO!

Oh mar maldito! Oh vagas alterosas!
Oh pobre pescador na faina atroz!
E o barco a baloiçar, casca de noz
Enfrentando ressacas tormentosas!

Oh mar maldito! Oh lendas assombrosas!
Homens berram a ti, sublime algoz,
E hão-de vir, mar, 'té que enrouquecera a voz
As sardinhas de prata, luminosas!

Oh mar de Portugal, que nas latinhas
Envias, transformadas, as sardinhas
A' rota universal, mar infinito!

Saboroso cartaz do meu País,
Veste de luxo, é nossa embaixatriz
Dona Sardinha Lusa! Oh mar bendito!

Rodrigues Canedo

(CANTO 'A SARDINHA)

PANO DE FUNDO...

Em Leixões começou a anoitecer... As coisas tomam aquela côr cinzenta que precede a noite. Mas entre velas que se descem e fumo que sobe doutros barcos, há uma multidão sussurrando, caminhando tranqüila em direcção das traineiras.

São velhos lóbos do mar, são jovens já endurecidos, elos da corrente que encadeia as famílias dos pescadores, que chegam. Trazem consigo cestas de comida e alguns comem ao longo do cais...

Ninguém diria que vão à faina, à luta ingente! Vão, quasi indiferentes, «à sua vida», quantas vezes à sua morte!

E eis que tudo se apressa: é mister partir. Então o ruído aumenta um pouco, começa o trabalho, a traineira levanta ferro. Lentamente, entre mastros erguidos riscando as águas tranqüilas da doca, segue baloiçando suavemente,

enquanto os homens tisonados pelo sol, cachimbo na bôca, boina mal posta, olham as coisas familiares que ficam, com o indiferentismo atávico que já caracterizou seus pais.

Depois, o mar, o mar largo e sem fim! As asas das gaivotas ruflam mais lentas, mais cadenciadas, dir-se-iam tomadas de nostalgia. E sobre a imensidão oceânica ainda o sol, morrendo devagar, tinge a água, como se tivesse caído do céu grossa gôta de azeite...

Alonga-se a distância. E do cais, fica a gente a contemplar aquêles que lá vão, em busca da sardinha, pela noite dentro, pelo mar além.

No horizonte, o barco é mais um ponto que gradualmente se esvai, como se desaparecêsse do mundo dos homens em demanda do mundo das sardinhas!

Acenderam-se em Leça as primeiras luzes.

Surgem agora os primeiros alvôres da manhã: a noite é morta. No seu seio, horas e horas no baloiço perigoso, entre berros e imprecações, exposta à fúria do vendaval, a traineira cumpriu a sua missão. E a gente que na praia aguarda a chegada do barco não pensa, não calcula a odisseia dos tripulantes, talvez porque ela é igual a mil odisseias...

O humano egoísmo quasi não faz distinção: aguarda os homens sim, mas não anseia menos as... sardinhas!

A pouco e pouco, tudo despega da modorra: há alarido, há vozes crescendo, há o manto da sombra rasgando-se gradualmente...

Distinguem-se as caras, distinguem-se já de nôvo os mastros e a água acusa sons produzidos pelo movimento de hélices e rêmos.

Na linha do horizonte vai surgindo um ponto escuro: é a traineira que chega. E quando, na praia, se distingue já perfeitamente o seu casco que o mar bateu a noite inteira, dir-se-ia que vem navegando vaidosa, orgulhosa da sua vitória!

Minutos depois, há sardinhas que a goela do mundo vai engulir, sôfrega. Gritos, cotoveladas, frases picarescas, cabazes enchendo...

Os peixes, facas de prata brilhando agora ao sol da manhã e que na noite brilharam à luz fantástica do luar, vão agora seguir os rumos



Por esse mundo

O Boletim-Revista da «Federacion de Fabricantes de Conservas del Litoral Cantabrico», no seu número de Março, referia-se à indústria portuguesa de conservas nos seguintes termos:

«Temos seguido com o maior interesse a marcha da Indústria de Conservas na querida vizinha porque é ali que a indústria conserveira está situada em plano superior àquêle que ela ocupa noutros países, não querendo isto dizer que em nações como França, Noruega e Itália ela não ocupe também situação de primeiro plano.

Tanto na Revista «Conservas», de Matozinhos, como no semanário «A Indústria», de Setúbal, se tratam com insistência clamorosa os problemas que ali se apresentam à indústria de conservas de peixe por falta de matérias primas que desde Julho de 1940 se tem feito sentir, não tendo os altos poderes e organismos representativos daquela indústria solucionado satisfatoriamente a precária situação em que se encontra.

Assim o confirma o Relatório do Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal, a que o nosso estimado colega de Setúbal, «A Indústria» se refere. A falta absoluta de fôlha de Flandres,

diversos do seu destino, todos, contudo, conduzindo ao sorvedouro implacável da culinária. Muitos serão amanhã as conservas famosas, embaixatrizes portuguesas nos quatro cantos onde impera Sua Magestade o Apetite.

Para os profanos, a entrada das sardinhas na fábrica fica sendo um mistério, como o é a sua pesca...

E os velhos e novos lóbos do mar, tismados,

devida ás dificuldades criadas pelo bloqueio marítimo dos países beligerantes, origina os maiores prejuizos aos fabricantes portugueses, obrigando-os não só a restringir a fabricação mas ainda a suspendê-la em alguns casos.

E' verdadeiramente doloroso que uma indústria da importância que a de conservas sempre teve em Portugal, se veja colocada no difícil transe de paralização quando, pelo carácter neutral da sua nação, melhores perspectivas podiam oferecer os mercados estrangeiros para o desenvolvimento das suas actividades. E a esse congelamento de todos os capitais que a indústria representa há que juntar o pagamento forçoso das férias ao pessoal, imposto pelo Contrato de Trabalho, com o que, a prolongar-se esta aflitiva situação, muitos industriais haverá que, se não se arruinarem adquirirão responsabilidades difíceis de libertar durante muito tempo.

Desejamos sinceramente aos nossos colegas portugueses uma rápida melhoria de situação.

*

* *

Há tempos apareceu em Matozinhos uma dama estrangeira muito galante e desenvolta. Trazia magníficas credenciais a acreditá-la junto

cachimbo na bôca, boina mal posta, seguem, enfim, a caminho do merecido descanso!

Tudo por ti, Sardinha!

Rodrigues Canedo

Make sure that the name "PEREIRA"

IS ON THE LABEL.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11

- | | | |
|------------------------------|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1—Tinto — Table Wine | 4—Vermouth-Dry—(French Type) | 8—Reserva—Old Port Wine |
| 2—Claret— » » | 5—Aperitivo-Quinado—Old Port Wine | 9—Lacryma Christi—Old Port Wine |
| 3—Branco— » » | 6—Vermouth-Sweet — (Torino Type) | 10—Espumante Natural—(Dry) |
| 3-A—Branco—Choice Sweet Wine | 7—Brandy "Pereira"—"★★★★" | 11—Espumante Natural—(Demi-Sec) |

José Pereira da Costa

ESTABLISHED 1848

13, RUA INFANTE D. HENRIQUE

OPORTO - (Portugal)

Telef. 5913

Telgr.:
"COSTIRMÃO"
OPORTO

TELEFONE, 458

TELEGRAMAS: LISSADO

NOVA LITOGRAFIA
"SADO", L.^{DA}



ESTAMPAGEM
SOBRE FOLHA
DE FLANDRES

Rua de Brito Capelo

MATOZINHOS - Portugal

F

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

LA ROSE

Sardines, thon
et filets de
Maquereaux



FEU HERMANOS
PORTIMÃO — Portugal
Télegrs: FEU — PORTIMÃO

LA REINE DES MARQUES



Fábrica de Borracha
LUSO-BELGA

DE
VICTOR C. CORDIER, L.^{DA}
Rua do Açúcar, 78 Beato-LISBOA

Manufatura
geral de
artefactos
de borracha

JUNTAS PLÁSTICAS para vedação de latas
de conserva. BLANCHETS para Litografia

CALÇADO DE BORRACHA
VULCANISADO "**LUSBEL**"

BOTAS ALTAS ENVERNISADAS para homem,
senhora e criança. Para pescador (cano até
ao joelho, meia côxa e côxa inteira)

GUARNECIMENTOS DE CILINDROS

SEVERO RAMOS, L.^{TO}

PORTIMÃO
PORTUGAL

Fabricants - Exportateurs

de

Conserves de
Sardines,
Anchois

et

Filets de
Maquereaux

Marques Déposées

Splendour

Rosebelle

Marco Pollo

etc.

Télégrs. "SEVERO" - Portimão

ELORBEL ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Fabrique de Conserves "**A BOA NOVA**"

Maison fondée en 1920

José Rodrigues Serrano
& Filhos, L.^{da}

237 Rua Conselheiro Costa Braga 299

Telefone, 99-M Telegramas, RESSANO

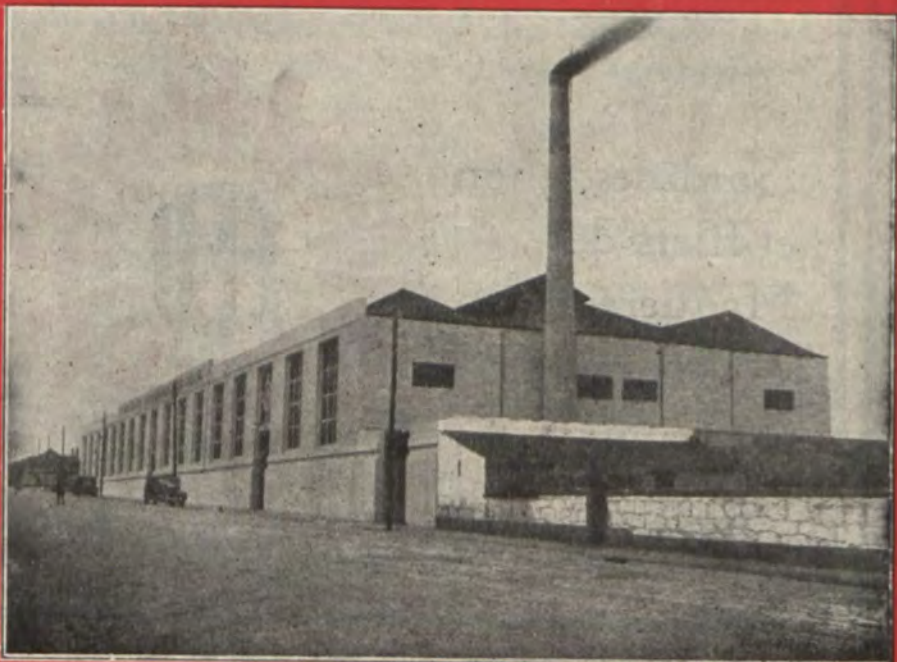
MATOZINHOS

FUNDADA EM 1920

CONSTRUÇÃO MODERNA
INSTALAÇÕES HIGIÊNICAS
E MODELARES

Marcas:

SERRANO
BOA NOVA
ALSTER
IDEAL
ALTA CLASSE
ORGUEIL
RHENANIA



Problemas técnicos da indústria conserveira na Itália

A exposição de embalagens autárquicas de Parma

POR ocasião da exposição autárquica de recipientes e embalagens para conservas alimentícias, efectuada de 18 de Maio a 1 de Junho em Parma, por iniciativa do Organismo Autónomo Nacional «Exposição de Conservas Alimentícias» teve lugar um congresso de industriais com o fim de discutir os resultados obtidos nas experiências efectuadas pelas várias firmas afim de eliminar, ou pelo menos reduzir, o emprêgo do estanho na fabricação dos recipientes e das caixas para conservas alimentícias.

Em Itália o problema do enlatamento das conservas alimentícias foi, até pouco tempo antes do início da guerra, resolvido com o emprêgo da chamada chapa estanhada, isto é, de um material que por cada tonelada de ferro (equivalente a cerca de 600 caixas da capacidade de 1 quilo de conserva) necessita de 18,5 quilos de estanho de revestimento além do necessário para o encerramento mediante soldadura.

Actualmente a escassez do estanho—cuja produção está quasi exclusivamente nas mãos da Inglaterra e dos Estados Unidos—e a necessidade de o destinar a sectores predominante importância bélica, levou para o primeiro plano as investigações tendentes a descobrir materiais autárquicos capazes de substituir a chapa estanhada na aplicação referida.

Na verdade não é de hoje que tal problema se apresenta à nossa indústria conserveira, especialmente no sector peixeiro, cujos produtos, para ter garantia de boa conservação, exigem características especiais na embalagem.

Já de há tempos que para alguns produtos em salmoura, se procura enveredar para os barris de madeira, os quais nesses casos especiais, satisfazem com sufficiente garantia ás suas funções.

Porém para os produtos de luxo,—aperitivos, filetes, etc. enveredou-se decididamente para os recipientes de vidro, mas como toda a gente sabe, a fabricação do vidro pressupõe o emprêgo de enormes quantidades de carvão mineral, não podendo portanto considerar-se este material de autêntica vantagem para os fins da economia industrial.

Um material de produção italiana para o qual os conserveiros se voltaram com confiança é o alumínio: de facto este metal—oportunamente tratado—pelas suas propriedades intrínsecas, como

a solidez, a ductilidade, a sufficiente inalterabilidade, assim como a sua leveza e brilho metálico poderia adaptar-se à quasi total aplicação no campo das conservas alimentícias. Por ser a maquinaria a modalidade de construção de tais embalagens, a necessidade de adoptar novos sistemas de encerramento, e sobretudo o problema dos preços tornam um tanto perplexa a generalização do seu emprêgo.

Lembrado e considerado tudo isto, sobretudo para demonstrar que os nossos industriais têm com a máxima boa vontade estudado e enfrentado o problema, notamos que a corrente actual se dirige resolutamente para o emprêgo da chapa de ferro preta, e nêsse sentido são também dirigidos os esforços do Grupo Industrial do Reich, o qual participa em secção própria na exposição, oferecendo-nos resultados do máximo interesse.

A Exposição alemã, que retoma a actividade desenvolvida desde 1935 até hoje, expõe caixas de «Alcidina» interiormente estanhadas a fogo e exteriormente lacadas com alumínio com um consumo de estanho de 50% relativamente ao normal dos recipientes de chapa estanhada; caixas de «Cedicite» e, em geral caixas estanhadas galvanicamente, nas quais o referido consumo é reduzido a 31%, e finalmente, caixas envernizadas, isto é desprovidas de estanho.

A indústria italiana, como nos confirmou também o director da Estação experimental para as conservas alimentícias de Parma num seu douto e brilhante relatório apresentado ao congresso, tem dirigido os seus esforços especialmente neste último sentido conseguindo resultados que, no estado actual das experiências, se podem considerar absolutamente animadoras.

O problema fundamental, como é obvio é o da envernizadura da chapa; envernizadura que para satisfazer completamente ás necessidades da indústria conserveira deve ser de modo a garantir que a chapa assim tratada resista perfeitamente ao dobramento, ao corte e ás pancadas, se mantenha inalterável, e não transmita nenhum cheiro ou sabôr aos alimentos encerrados na caixa, mesmo quando submetida ás altas temperaturas das autoclaves.

Várias patentes de industriais italianos garantem tais condições se bem que entre nós, diferentemente da Alemanha, se tenda por



BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

“Empregados de Ontem e Empregados de Hoje”

Snr. Director da revista «CONSERVAS»

Acabo de ler o artigo publicado no número de Maio da revista «CONSERVAS», subordinado ao título «EMPREGADOS DE ONTEM E EMPREGADOS DE HOJE».

Lí com a maior atenção e, embora reconheça a existência dum grande número de empregados que eraram a sua vocação e de outros sem vocação para coisa alguma que dê trabalho, não posso deixar de sentir a forma como o autor do referido artigo generalisa as más qualidades dos empregados da época actual.

Se quizermos encarar a situação com a devida imparcialidade concluiremos que maus empregados já os havia há trinta anos e, se nos dermos ao trabalho de consultar os que trabalhavam há 60 ou 70 anos, ouviríamos dizer dos homens de há 30 o mesmo que estes nos dizem dos de agora.

Se hoje se perdem tantas horas a discutir «a maneira de ganhar a guerra» não era menos o que se perdia há cerca de 30 anos nas discussões de política interna, porque infelizmente foi sempre mania de todo o português preocupar-se demasiadamente com a política, e quando não fala na de casa fala na de fora. E, infelizmente para a humanidade, actualmente não falta que dizer neste ponto, pois basta pegar num mapa-mundi e tirar à sorte o lado por onde começar a discussão.

Diz-nos o autor daquêlê artigo, que os empregados de agora entram alguns minutos depois das 10 horas e antes das cinco da tarde já estão no café, passando também por lá no intervalo do almoço, apesar da deficiência dos serviços da Carris. Pela leitura do artigo depreende-se que se refere a pessoal das empresas comerciais e industriais e não a funcionários públicos. Ora, posso afirmar, sem receio de desmentido, que os empregados de escritório saem depois das 18 horas e uma grande parte entra às 9 $\frac{1}{2}$ e 9 horas da manhã. Além disso, sabe V. Ex.^a muito bem, que em muitíssimas casas a hora de saída é sistematicamente excedida entre meia a uma hora. Não precisamos de sair de Matozinhos ou mesmo da indústria de conservas para termos provas disso.

Falando dos operários, diz o autor que estes, por falta de esti-

mulo, não procuram melhorar as suas condições de trabalho e que o estímulo não lhes é facultado mercê da actual organização. Ora o que é verdade é que o estímulo só não lhes é dado porque os patrões não querem. A organização actual fixa salários mínimos, não fixa salários únicos. Os actuais salários foram fixados para evitar os abusos daquêles que, desde que pudessem pagar \$50 por hora, não pagavam 1\$00 ainda que os operários merecessem 1\$50 ou 2\$00. Nada impede os patrões de, dentro da mesma categoria, pagar a alguns operários mais do que o mínimo estabelecido pela lei. Não o fazem porque a maior preocupação do patrão é pagar o menos possível ao seu pessoal. De resto, referindo-me à indústria de conservas, antes de ser estabelecida a actual organização, os Snrs. Industriais estimulavam o seu pessoal pagando a cada mulher o máximo de \$75 por hora. Com tal estímulo não sei que pensar do espirito de recompensa dos Snrs. Industriais.

Concordo que a indústria de conservas está sujeita a um certo número de factores que a tornam duma enorme irregularidade, o que impede os patrões de estabelecer grandes ordenados, pois não sabem se no dia seguinte os poderão manter. Sendo assim impunha-se que nos anos bons compensassem também o seu pessoal, mas o que na prática se verifica é uma fraca compensação nêstes anos, e mal vislumbra um princípio de crise procuram imediatamente fugir às suas obrigações. Haja em vista o que pretenderam fazer ao pessoal efectivo no princípio do defêso dêste ano!

Passando aos praticantes de escritório também muito há para dizer. Tenho conhecido uma porção dêles, uns com qualidades de trabalho, outros sem elas. O que é certo é que a recompensa é sensivelmente igual. Se chegam a alcançar o ordenado mensal de 250 ou 300 escudos, podem erguer as mãos ao céu e esperar que lhes saia a sorte grande, de contrário nunca mais conseguem ganhar para viver à sua custa. E como pode um praticante pagar a quem lhe ministre os ensinamentos necessários ao seu aperfeiçoamento profissional se o seu ordenado mal lhe dá para comer? E' que os patrões, na sua maior parte, entendem que os empregados de escritório pertencem a uma categoria de individuos que têm de viver permanentemente à custa das suas famílias. Doutra maneira não se compreende que exijam

enquanto para a envernissadura da caixa já feita, em vez da envernissadura da chapa em fôlha.

Também para os sistemas de encerramento é igualmente preciso abandonar a soldadura a estanho e adoptar a soldadura eléctrica e a cravação, tanto por economia de estanho, como por razões técnicas, não sendo aconselhável soldar a estanho as chapas envernissadas.

Como se vê, é um complexo problema em via de solução, que o relatório de Parma nos mostra em todas as suas facetas e sob todos os aspectos.

E' evidente o facto que tratando-se em todo o caso, de usar materiais metálicos, tal problema deve ser considerado em relação ao quantitativo disponível dos mesmos materiais e ás inderrogáveis exigências d'outros sectores, principalmente no período bélico.

Em face d'isto será necessário enfrentar resolutamente também o problema dos aproveitamentos. Pelo que, agora que as latas vazias não se classificam como verdadeira sucata, antes cons-

tituem material aproveitável, se verifica não ser de todo impossível estabelecer normas pelas quais os consumidores sejam obrigados a devolver os vazios em boas condições, quer para serem utilizados em ulteriores usos, sem sofrer as perdas resultantes da sua retransformação em matéria bruta e sucessivas relaborações. E' êste um sector onde se impõe instituir uma disciplina, tanto mais necessária e inderrogável quanto não pode acarretar transtornos aos consumidores.

Os esforços dos industriais e dos consumidores, coligados entre si, conduzirão certamente a atingir os fins previstos no campo das conservas alimentícias, cujo uso para os civis, mas sobretudo para os militares, é um factor decisivo para a Vitória, e cuja larga difusão pode representar uma reputável fonte de riqueza pelas correntes de exportação que poderão estabelecer no após-guerra, dada também a larga fama que os nossos produtos em conserva, e designadamente os da pesca, gozam no estrangeiro.

dêles uma boa apresentação e lhes paguem numa proporção inferior à dos seus operários, a quem não exigem mais do que um fato de ganga, a maior parte das vezes sujo e róto.

Conheço inúmeros rapazes que pretendem constituir família e, apesar de nas casas onde trabalham terem a seu cargo serviços da maior responsabilidade, não o podem fazer, porque se o ordenado não chega para se sustentarem a si próprios, muito menos para suportarem os encargos provenientes da responsabilidade de ter um lar.

Pelo que acima expônhos se pode concluir que, se há muitos empregados que não cumprem satisfatoriamente os seus deveres, para isso têm contribuído grandemente os patrões que encaram o trabalho do seu pessoal como uma mercadoria, portanto sujeito à lei da oferta e da procura. Se assim não fôsse, não haveria serralheiros a ganhar 1.000 e 1.500 escudos por mês, enquanto que guarda-livros, chefes de escritório e empregados com enormes responsabilidades, ganham pouco mais de metade daquilo.

Agrada-me vêr a revista «CONSERVAS» ocupar-se daquêles que dão uma grande parte do seu esforço em benefício da indústria que essa revista defende, mas entristece-me que, a par da descrição dos seus defeitos, não se pugne também por aquilo a que êles têm direito.

Não veja V. Ex.^a nesta minha carta a mais pequena sombra de ataque pessoal. Não sei quem é o autor do artigo, pois não está assinado, e se tomo a liberdade de me dirigir a V. Ex.^a é porque sei que, tendo vivido alguns anos num país onde o trabalho tem uma muito maior protecção do que entre nós, deve concordar que não só uma parte dos empregados portugueses não cumpre o seu dever mas também a maioria dos patrões assim o faz. E, como V. Ex.^a bem o sabe, é de cima que o exemplo deve partir.

Pedindo desculpa do precioso tempo que lhe estou a tomar e com os protestos da mais alta consideração e desejos de longa vida à revista «CONSERVAS», subscrevo-me,

De V. Ex.^a
Amigo Mt.^o Obrigado

Augusto Figueiredo Mendes Araújo

A carta do Sr. Augusto Araújo é digna de alguns comentários, e fazêmo-los com apazimento porque a maneira como está redigida, com apurmo e senso, mau grado a ingrata causa que pretende defender, mostra-nos que o seu autor é uma honrosa excepção entre a legião dos maus empregados de hoje. Prova-o a solicitude e a correcção com que se apressou a vir defender a classe. Esta carta distingue-se bizarramente de várias outras que, sobre o mesmo assunto, nos chegaram às mãos para serem remetidas ao cêsto dos papeis—por serem incorrectas e mal escritas. Estis reforçaram ainda a nossa opinião da incapacidade dos funcionários modernos.

O Sr. A. A. diz que *pode afirmar, em receio de desmentido, que os empregados de escritório saem depois das 18 horas e uma grande parte entra às 9 e 9 1/2 da manhã.* Neste ponto, o Sr. A. foi um pouco além da marca, porque nós podemos desmenti-lo com provas de que há empregados de escritório que entram depois das 10 e saem mesmo antes das 17. E' que o Sr. A. A. estava a escrever sob a ideia do horário normal de Matozinhos, e esqueceu-se de que há locais onde não se usa o mesmo horário. De resto o nosso artigo em questão não se referia aos empregados de Matozinhos, mas sim aos empregados de Portugal. Ora é fácil demonstrar que no Porto e Vila Nova de Gaia há empregados que entram depois das 10 e saem antes das 17. Mas mesmo em Matozinhos êsse facto se dá embora, felizmente, não constitua regra. Nós vamos dar-lhe um exemplo. Durante algumas semanas, frequentámos o escritório de uma fábrica de conservas cujos chefes nunca chegavam, habitualmente, antes das 10 1/2. Exigências comerciais forçavam-nos a visitar frequentemente essa fábrica às 9 horas, sendo certo que o pessoal de escritório só chegava depois das 9 1/2. Um dos empregados, porém, nunca entrava antes das 10,15 e não iniciava as suas funções sem primeiro proceder à leitura do jornal, que a casa comprava, incomodamente refestelado no gabinete da W. C. Isto arreliviava-nos porque só perto do meio dia o digno funcionário nos fornecia os informes de que precisávamos. Às 14 horas procurávamos de novo S. Ex.^a, mas só por volta das 14,30 é

que êle aparecia, porque no Café (em Matozinhos) tinha havido um debate sobre foot-ball.

Ocorre-nos neste momento outro exemplo colhido noutra fábrica de conservas onde, pelos mesmos motivos vamos frequentemente. O funcionário chegava sempre tarde atribuindo a culpa aos carros; de vez em quando não aparecia por causa da doença de uma pessoa de família, e outras vezes não vinha de tarde por causa do falecimento de um parente. Um dia, os abusos tomaram tal aspecto que foi imperativo despedi-lo antes que o homem matasse tôda a numerosa família.

No capítulo de praticantes de escritório, aquilo que eu conheço de Matozinhos, e pôde o Sr. A. A. acreditar que conheço o bastante para me pronunciar sem receio de cometer injustiça, aquêles que ganham pouco é porque não merecem mais. Em certos casos, recebem mais do que merecem por razões de caridade, sabendo-se que necessitam do excesso para ajudar a família. Que importava que auferissem um salário mensal de 300 escudos se, no fim do ano económico, a gratificação—se a merecessem—lh'o elevava para uma média de 500? Sim, porque convém não esquecer que em Matozinhos (e falamos de Matozinhos por o Sr. A. A. se haver especialmente referido a êste centro) as casas costumam gratificar todos os anos os seus empregados. Há no Pôrto uma firma importantíssima que não dá aos seus melhores empregados mais do que 600/700 escudos mensais, gratificando-os, porém, no fim do ano com prémios que atingem várias dezenas de contos, consoante o merecimento de cada um. Portanto, o quantum mensal importa menos do que o merecimento do funcionário que, quando é bom, é sempre remunerado de uma maneira ou doutra.

Como podem os praticantes pagar o ensino?, pergunta o Sr. A. A. Quem o ouvir há de supôr que a instrução em Portugal está tôda pela hora da morte. O Sr. A. sabe muito bem que por uns modestos 50 ou 100 escudos por ano se podem adquirir conhecimentos técnicos em escolas noturnas especializadas. Mas, nós preferimos factos a teorias. Há uns 6 anos, a Associação Comercial e Industrial de Matozinhos teve a louvável ideia de abrir aulas de Francês, Inglês e Contabilidade para uso dos empregados comerciais desta localidade. Francês, Inglês e Contabilidade, note o Sr. A. A., exactamente as matérias essenciais e aquelas em que a população burocrática de Matozinhos se mostrava mais deficiente. Pois bem: se não estamos em êrro, matricularam-se numa das disciplinas 4 empregados de escritório de Fábricas, 6 empregados de outros estabelecimentos comerciais (bancos etc.), e 4 industriais (sócios de Fábricas). Ao fim de 3 mezes, restavam os 4 industriais e 4 empregados do comércio. Os praticantes de escritório pagavam, mas não vinham às aulas porque o ambiente do café era mais agradável. No segundo ano, sucedeu quasi a mesma coisa, com excepção de um empregado de fábrica que quiz terminar o seu curso para seguir para o Congo Belga. Terminaram com aproveitamento os seus cursos, os 4 industriais de conservas e uns 4 ou 5 empregados do comércio. A certa altura, um dos professores, no intuito de conciliar os interesses dos alunos com os seus prazeres, sugeriu a criação de uma classe matutina—das 8,30 às 9,30 ou 9 às 10. Nenhum praticante de escritório a aceitou, mas aceitaram-na 4 industriais que principiaram a dar lição às 9 horas da manhã. Se nós lhe dissesse-mos quem foram êsses applicados estudantes, o Sr. A. A. ficava admirado.

Êste arrazoado já vai longo, e nós não queremos abusar mais da hospitalidade de «Conservas». Pode ser que tenhamos de voltar ao assunto para relatar mais factos em reforço da opinião que mereceu os interessantes reparos do Sr. A. A.

NECROLOGIA

Faleceu repentinamente, no dia 3 d'êste mês, o nosso amigo Sr. Eduardo Dias, chefe das oficinas da Tipografia Leixões.

Lamentamos sinceramente a perda do bondoso Dias, que foi um dedicadíssimo cooperador desta revista, cuja confecção tipográfica lhe estava confiada dêsde o seu início.

A família enlutada e aos proprietários da Tipografia apresenta «Conservas» as suas condolências.

== L I T E R A T U R A ==

“HORAS D’OCIO”

Ao que parece, a existência do Poeta Felisberto não é tão notória como nós suponhamos. Muitas pessoas que foram contemporâneas do célebre vate ignoram a aureola de popularidade que o envolveu aí pelo ano de 1900. Para benefício dêsses, vamos hoje juntar mais alguns detalhes aos dados biográficos que aqui esboçamos no número anterior.

O livro de versos de Felisberto Teixeira Pinto, a que então nos referimos, contém a seguinte carta-prefácio subscrita pelo notável orador sagrado Cônego Alves Mendes:

«Meu bom amigo:

Mal pode futurar qual a alegria que meu coração sente, ao traçar estas duas ligeiras linhas para mim tam gratas, por saber que são dirigidas ao meu maior amigo e distinto amador poetico, tam cheio de génio e de brilhantes pensamentos, representado na nobre e honrada pessoa de Felisberto Teixeira Pinto.

Todavia, como o amigo me é sincero, julgo que a amizade concentrada em seu coração se trocou por outra leal e pura que é a do meu, e então direi, doravante a nossa amizade se multiplicou. E’ neste momento a minha situação perante o vulto que com as suas poesias se pode comparar ás oitavas de Camões.

Para mim o amigo tornou-se um exemplar único, um pensador incansável, um verdadeiro amante da poesia. Artista consumado e bondoso no coração, o amigo tem alma de poeta, e possuindo bellissimas qualidades, é illustre entre os grandes, tornando-se inteligente entre os maiores. Continue, pois, dando à publicidade todas essas belezas que a sua boa inteligência assim o inspira, porque um amador, que com a sua pena traça poemas tão sublimes, deve ser coroado dos melhores elogios e recebido sempre com bravos e geraes aplausos.

Porto, 10 de Maio de 1898

António Alves Mendes de Sá Gomes

O Poeta Felisberto tinha pelo eminente pré-gador uma grande admiração, como ressalta do seguinte soneto que lhe dedicou.

Tão alto na tribuna se levanta,
Tão meiga, tão bela e florescente,
A tua linguagem fina e eloquente
Admira um rei, rainha e infanta!

Tão alto engenho, que tanto encanta,
A glória terás eternamente,
Que a Pátria elevas nobremente
E assim defendes a causa santa.

E o teu nome gigantesco cá na terra
E’ mais que o «Adamastor» no mar profundo,
Que se rendeu na dura guerra.

E o teu génio sublime, tão fecundo,
Surge d’astro em astro e serra em serra,
E vaes ensinando e dando a luz ao mundo!

Porto, Março de 1896

Sucede, porém, que alguns sujeitos de mau gosto encomodaram a alma sensitiva do Poeta com cartas anónimas em que lhe verberavam a sua alusão à figura do Adamastor. Felisberto Teixeira Pinto refere-se a êsses energúmenos da seguinte forma:

«.....
Não querendo parar, ofereci outro soneto ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Cônego Alves Mendes, distinto orador sagrado. Em resposta obtive do seu próprio punho um belo discurso no qual me dedicou um abraço. Nesta ocasião recebi muitas cartas anónimas bastante insultuosas, por ter empregado a palavra «Adamastor» no soneto daquêl illustre orador sagrado. Escusado será dizer que liguei a minissima importância a todos êsses disparates, tendo tam sòmente que agradecer ao Ex.^{mo} Sr. Sebastião Sanhudo as referências que me fez no seu illustrado jornal «O Sorvete». Passados cinco mezes tive o gòsto de saber que fôra batisado o grande cruzador de guerra com o nome de—Adamastor».

Entretanto que uns anónimos lhe magoavam assim a sua requintada sensibilidade de poeta,

Arlindo de Souza Vinagreiro

Sardinhas em Salmoura e prensadas

Anchovas em Salmoura

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59

MATOZINHOS

PORTUGAL

Telefone, 165-M

End. Telegráfico: LINDO

ROYAL

STANDARD



A MÁQUINA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL
A MÁQUINA PREFERIDA EM PORTUGAL

Representantes exclusivos:

**Sociedade Comercial
Luso Americana, L.^{da}**

LISBOA: R. da Prata, 145 - PORTO: R. de Sá da Bandeira, 339

Alves da Silva & Irmão, L.^{da}

Negociantes de Sal graúdo e miúdo

Representantes Depositários em Matozinhos: Da Fábrica de
borracha Luso-
Belga, de anilhas de borracha para tampos de cheiro.
De diversos exportadores de conservas, de Lisboa.
De acreditadas marcas de azeites e oleos para a Industria
de conservas.

Compram: Retalhos de fôlha de Flandres e
Oleos de peixe, aos melhores preços

Chaves: Para abrir latas *Comissões e Consignações*
332, Av. Serpa Pinto, 338—MATOZINHOS—Telef. 89

Serração, Moagem e Caixotaria a vapor

Marques & C.^a, L.^{da}

Anta—ESPINHO

Madeiras de construção. Fornecedores de
caixotaria para o maior número de fábricas

FLORÉLA ESPANCA de conserva do país.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Para modicidade em preços

e bom gosto nos trabalhos

PROCUREM A

TIP. LEIXÕES

Rua Brito Capelo, 251

MATOZINHOS

Telefone, 94-M

**A revista CONSERVAS
é lá composta e impressa**

Sociedade de Conservas "A UNIVERSAL, L.^{DA}"

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix



TELEFONE, 98-M
TELEGRAMAS: UNIVERSAL

L'Universelle
Zélia
Rosália

FABRICANTE
DAS MARCAS

Mindelo
Orbela
Atraente

Matozinhos

Rua do Burgal, 24-70
Rua dos Camachos

Portugal

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Fábrica de Conservas de PARAMOS, L.^{DA}

Marques déposées:

Paramos
Bristol
Dulce
St. Georg
Invicta



Rua Conselheiro Costa Braga

MATOZINHOS

P O R T U G A L

Adresse télégraphique: **PARAMOS**

Téléph. 222-M



AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS-PORTUGAL

Fabricantes de Sardinhas

NAS MARCAS

em azeite e em tomate

«SARDINAL»

«4SSSS»

Fábrica de Conservas "NUN'ALVARES,,

As Conservas que todo o Mundo pede

Lage, Ferreira & C.^a, L.^{da}

MATOZINHOS—PORTUGAL

REGISTERED BRANDS:

LAGE

CIDADE

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS

ARQUIVO HISTORICO

NUNAL

CONDESTAVEL

CADEAU

O sonho do infante:

Conservas
"NUN'ALVARES,,



Sweet dreams:

Preserves
"NUN'ALVARES,,

BONELESS & SKINLESS SARDINES — ONE OF OUR LINES.

um grupo de académicos do Porto promovia uma grandiosa manifestação pública em que o Poeta Felisberto passeou as ruas da invicta aos ombros de estudantes, coroado de loureiro e sorrindo ufano ás entusiásticas aclamações da população.

POESIA

Vale a pena ver os prodigiosos recursos da língua portuguesa quando são explorados por um genuino poeta. Os versos que vão ler-se foram escritos por Fernando Caldeira, e coisa mais mimosa e linda será difícil encontrar em qualquer outra língua, morta ou viva.

Em geral os poetas, bons ou maus poetas, cantam os olhos ou os lábios das suas beldades; Fernando Caldeira cantou uns peregrinos pés em estrofes peregrinas. Como disse Camilo, a propósito destes mesmos versos, uns tais pés só em Portugal são verosímeis. Nem na China elles seriam prováveis. E muito menos na Inglaterra, onde os *pés pequeninos* são menos abundantes ainda.

UNS PÉSINHOS

Scismo, scismo e não sei inda
como tu, sendo tão linda
e tão vaidosa de o ser,
tens aí no chão pousados
os teus pésinhos, coitados!
aí como uns pés quaisquer!...

Eu não sei, não compreendo
quando te vejo correndo,
mesmo que vás devagar,
como uns pés tão pequeninos,
tão delicados, tão finos,
assim te podem levar!

Faz-me pena, coitaditos!
tão galantes, tão bonitos
vê-los assim pelo pó!...
Muita pena!... ainda ao menos
se não fôsem tão pequenos...
mas assim faz mesmo dó!...

Ainda se tôda a estrada
te fôsse ao menos juncada
de rosmaninho e alecrim,
como a santa da capela
quando *sái* no andor, mas ela
nunca teve uns pés assim!...

Olha! às vezes endoideço
quando t'os vejo, e apeteço
duas semanas... um mês...
dois mezes... nem eu sei quanto,
ser um sapato, contanto
que tu me tragas nos pés!...

A's vezes quando à tardinha
tu vais seismando *sósinha*
por sobre a relva ao de leve,
suspira cada folhita
d'inveja a mais pequenita
que o teu pésinho conteve!

E se páras distraída
junto d'alva margarida,
ou malmequer, ou bonina,
faz gôsto vêr o geitinho,
com que a flôr torce o pésinho
e sobre um dos teus s'inclina!

Que amor! que amor, oh meu Deus!
e não é por serem teus
que os amo tanto, não é...
Esse teu pé pequenino
foi obra d'algum destino
que eu tenha de amar um pé.

Mas aí! são tão desdenhosos!
Mostram-se assim descuidosos,
mas eu conhêço, eu bem sei...
mil beijos, que me rejeitam,
nem por tapete os aceitam,
pobre de mim que os sonhei!

E verás que dentro em pouco
nem sei da cabeça, louco
por elles... e seus desdens!...
Que tu também, coitaditos!
tens uns pés tão pequenitos
que por um triz que os não tens.

Esconde-me esses traidores,
esconde-m'os. Sedutores!...
nem são pés, são um feitiço!
Esconde-me esses ingratos,
nem as pontas dos sapatos
quero ver-lhes, antes isso.

Que hei de eu fazer, quando'os vejo,
e tão faminto beijo
que t'os quizera calçar?
que nem os peixes no rio
se juntam tantos a fio
na veia d'água a brincar?

S'inda fôsse a tua meia
dêstes peixes rede cheia
quando a fôsses a vestir,
e em cada malha embrulhado
ficasse bem emalhado
ao menos um sem cair!

Ou, ao menos, se as pedrinhas
onde os pões quando caminhas,
fôsem todas beijos meus,
que, nem indo a pé descalço,
puzesses um pé em falso...
mas assim!... valha-me Deus!

Olha, a dizer-te a verdade,
eu acho que é crueldade
deixá-los ir pelo chão...
Se queres, poupa-lhes passos,
levo-te a ti num dos braços
e elles ambos noutra mão.

Escolas de Pescadores

A classe piscatória está de parabens.

O Governo Português acaba de anunciar a próxima realização de uma velha aspiração da indústria portuguesa de pesca: a criação de escolas técnicas de pescadores.

Das bases que já foram superiormente elaboradas e aprovadas para o Regulamento dessas Escolas recortamos os seguintes esclarecimentos:

«As Escolas de Pesca serão de duas categorias, conforme o fim a que se destinem: Escolas Elementares, de educação e preparação dos filhos dos pescadores na idade compreendida entre os 10 e 14 anos, para o exercício da profissão de môços de pescadores na pesca ribeirinha, lagunas, costeira e longínqua; Escolas Profissionais de educação e preparação marítima dos filhos dos pescadores com idade não inferior a 14 anos, para o exercício da profissão de môços de pescadores na pesca do arrasto e do bacalhau, de pescadores para arrais, contra-mestres, e bem assim de pilotos com o curso da Escola Náutica para o exercício da profissão de pilotos pescadores.

.....
«O período escolar é efectuado na escola respectiva, e é destinado a fornecer e educar os alunos nos conhecimentos profissionais necessários ás suas futuras funções.

O período de aplicação efectuada a bordo dos barcos pesqueiros, sendo destinado a dar aos alunos a prática, da vida do mar, familiarizá-los-á aos serviços da pesca, proporcionando-lhes a aplicação dos conhecimentos adquiridos durante o período escolar, e facultar-lhes-á a utilização directa do material.

O ensino é, em cada curso, distribuído por disciplinas e instruções práticas.

As disciplinas são regidas por professores que orientam as respectivas instruções dadas pelos monitores».

Do legítimo contentamento que esta notícia há-de causar entre os laboriosos e honestos componentes da numerosíssima classe piscatória, também nós partilhamos porque vemos

alfim em vias de realização um melhoramento pelo qual nos têmos empenhado desde o próprio advento da nossa actividade. Vezes sem conta nos temos ocupado nestas colunas do magno assunto das escolas técnicas de pesca e de conserva, ajudados freqüentemente pelo saber e proficiência de individualidades prestigiosas desta terra que tanto se tem batido e esforçado pelo progresso da indústria portuguesa de conservas.

*

* * *

Depois da Pesca, a indústria de Conservas tem jus à atenção do Estado. Começar pela Pesca é um principio lógico e louvável, mas o complemento da simpática iniciativa está na criação imediata de Escolas Técnicas de Conserva.

Há muito que ensinar e muito que aprender em ambos êstes ramos da actividade nacional. E' preciso destruir muita rotinisse e espatifar muito empirismo. A missão dos mestres há de ser árdua para conseguirem vencer práticas obsoletas e arreigadas uzanças que chegam a roçar pela superstição. Mas, hão de conseguí-lo com perseverança e método.

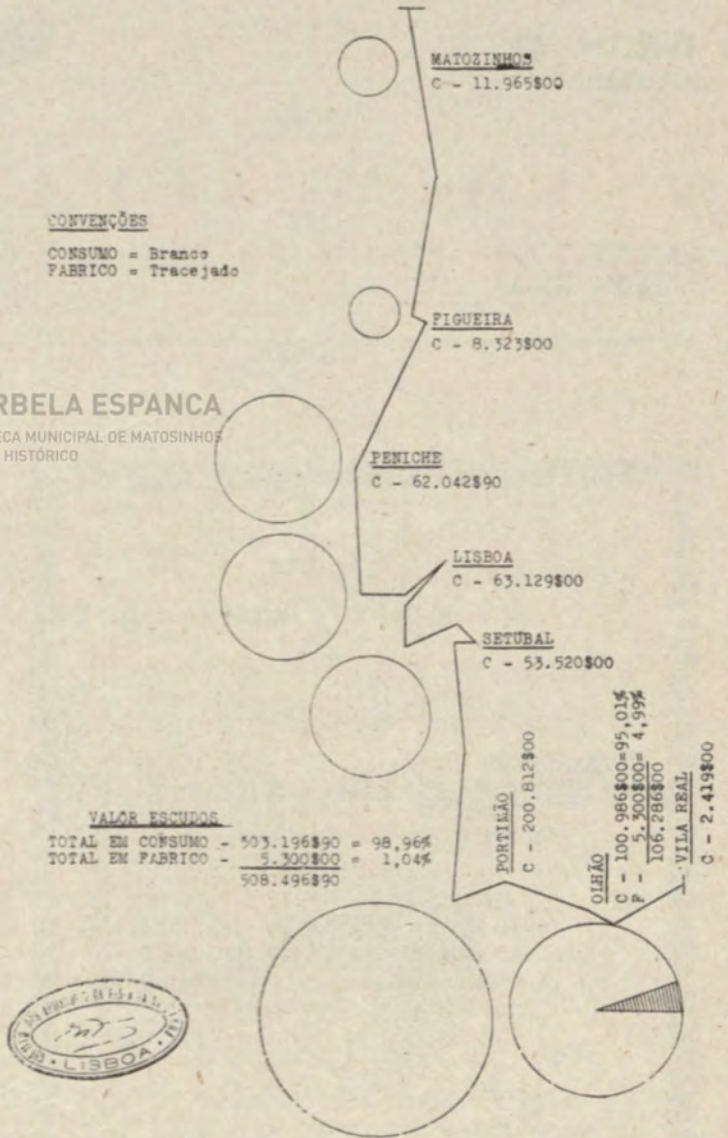
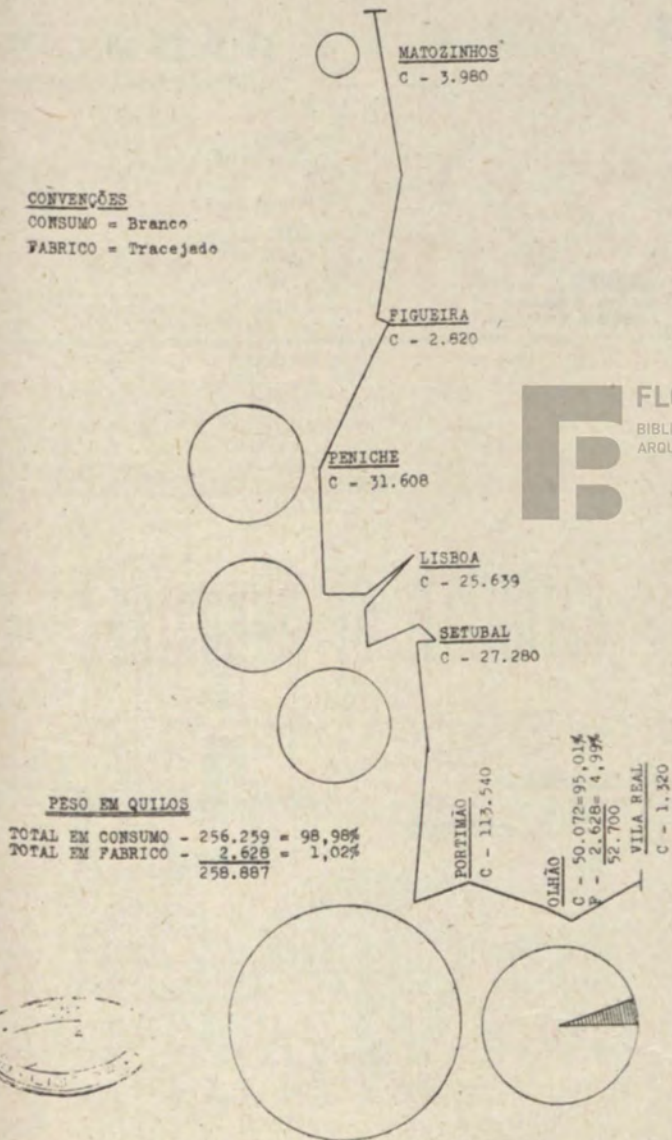
Hão de então os nossos denodados marinheiros reconhecer quão criminoso tem sido o tratamento que alguns pescadores dispensam ao precioso peixe que tanto custa a apanhar e que tão digno era de reverência e atenção de toda a gente que intervem no processo inteiro da sua elaboração em conserva.

E no dia em que as Escolas Técnicas da Conserva abrirem os seus luminosos manuais de ensino, que admirada surpresa não hão de sentir os operários conserveiros ao ser-lhes revelada a razão de todas as complicadas operações a que submetem o peixe, operações que até agora, para a grande maioria dos obreiros da nossa indústria, ou são perfeitamente inexplicáveis ou constituem pura bizantinisse dos «mestres» e dos organismos orientadores.

Pêso e valor da sardinha pescada nos principais centros do País, no mês de Abril de 1941, e destinada ao consumo ou ao fabrico

CONVENÇÕES
 CONSUMO = Branco
 FABRICO = Tracejado

CONVENÇÕES
 CONSUMO = Branco
 FABRICO = Tracejado



E FLORBELA ESPANCA
 BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
 ARQUIVO HISTÓRICO

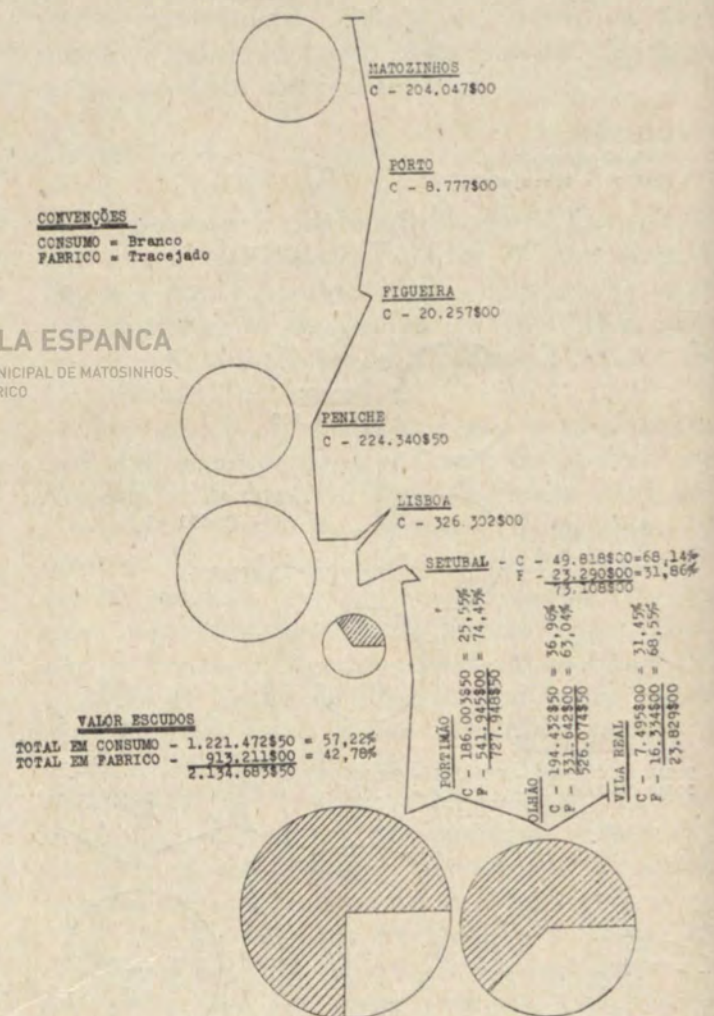
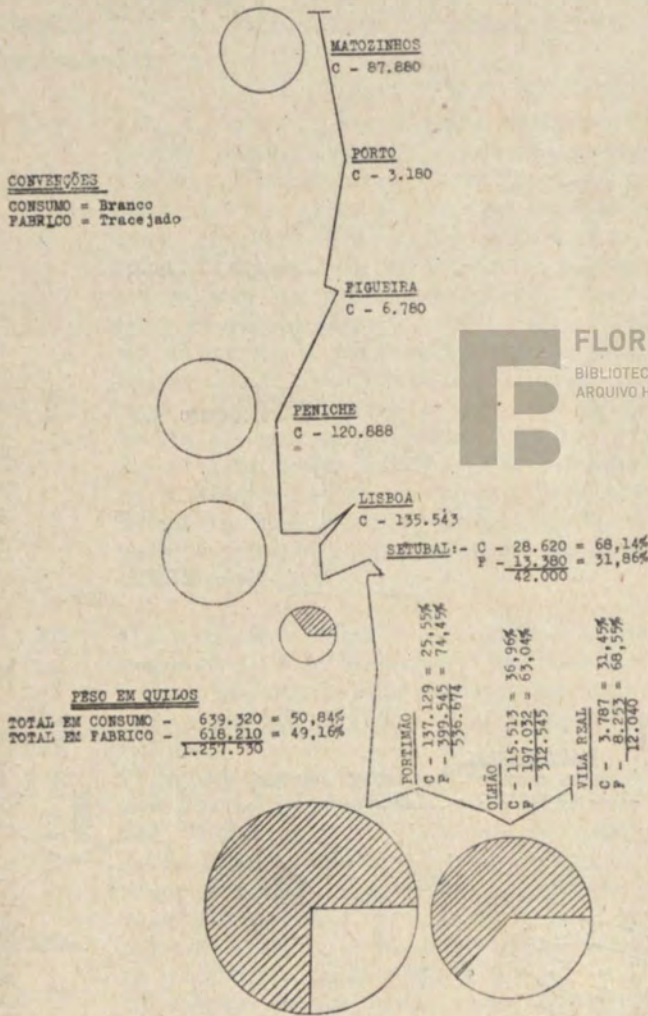


Pêso e valor da sardinha pescada nos principais centros do País, no mês de Maio de 1941, e destinada ao consumo ou ao fabrico

CONVENÇÕES
 CONSUMO = Branco
 FABRICO = Tracejado

CONVENÇÕES
 CONSUMO = Branco
 FABRICO = Tracejado

E FLORBELA ESPANCA
 BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS.
 ARQUIVO HISTÓRICO





Affonso Barbosa & C.^a, L.^{da}

AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS

TELEGRAMAS
FONBAR

TELEFONE
75 - M

**MATERIAS PRIMAS PARA A
INDUSTRIA DAS CONSERVAS**

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Sociedade la Artistica

LIMITADA

**Manufacturas
de
Borracha**

FÁBRICA DE ANILHAS DE
BORRACHA PARA O FECHO
HERMÉTICO DAS LATAS
DE CONSERVAS E CHAVES
PARA AS MESMAS.

Valença do Minho

A SOCIAL

Capital Esc. 500.000\$00

Comp.^a Portuguesa de Seguros

S. A. R. L.

SÉDE:— Rua de Cândido dos Reis, 42

PORTO—(Palácio Conde de Vizela)

Pósto de Socorros:

PORTO — Rua de Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua de Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua de Roberto Ivens, 429

Preferida pela organização
da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

FOLHA DE FLANDRES

FABRICO DA **United States Steel Export Company** - NEW YORK

Arame para Chaves -
Arco de Ferro-Estanho
Chumbo-Aços Finos da
Marca "**Phenix**" - etc.

PORTO

Av. dos Aliados, 64
TELEFONE, 5772

ENTREGAS RÁPIDAS

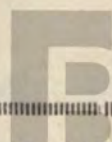
Sociedade Zickermann

S. A. R. L.

LISBOA

Rossio, 3
Telefones, 24400-27459-27460

Endereço Telegráfico: **GAZICKMANN** - Lisboa / Porto



FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

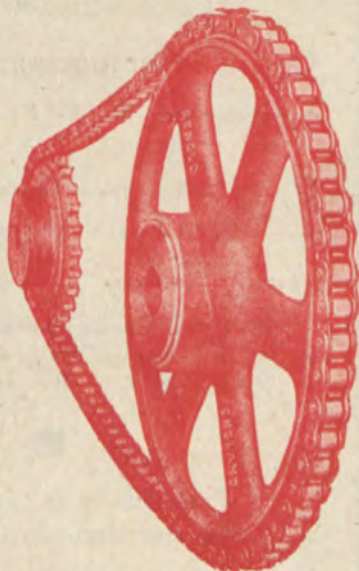
MOVIMENTOS INDUSTRIAIS POR CORRENTE **RENOLD**

SOLUÇÃO IDEAL
DE TODOS OS
PROBLEMAS DE
TRANSMISSÃO
DE FORÇA,
COM AS MÁXIMAS
GARANTIAS DE

SEGURANÇA
E
ECONOMIA

ORÇAMENTOS
GRÁTIS

AS MELHORES
REFERENCIAS



Harker, Sumner & C.^a, L.^{da}
152, Rua José Falcão, 156 || 14, L. Corpo Santo, 18
— PORTO — || — LISBOA —

Juan Perez Lafuente

Salazones e Anchovados

Filetes e rôlos
de anchovas
em azeite



R. Brito e Cunha, 653

Cables: "JUPERLA"

PORTUGAL



SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CONSERVAS MATOZINHOS, LIMITADA

Cable address:

SICMA
MATOZINHOS



MATOZINHOS
PORTUGAL



SARDINE PACKERS
IN OIL AND TOMATO

REGISTERED BRANDS:

SICMA • SELVA
TABY • BRITANIA

If you care for quality -- look for "Sicma" brands.

PRESERVED FOODS IN PURE OLIVE OIL
BRANDÃO & C.^A LIMITADA

MATOZINHOS — PORTUGAL



Azeites, azeitonas, aves, caças, carnes, frutas, doces, hortaliças, legumes, tomate e massa de tomate, pickles, mariscos e todos os peixes além de sardinhas em azeite e em tomate, com pickles, com limão, com pimenta, sem espinha, etc., etc.

FLORELLI ESPANCO
 BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
 ARQUIVO DE HISTÓRIA

Olive Oil — Olives — Poultry — Game — Meats — Fruits — Sweets — Greens — Vegetables — Tomato and Tomato Paste — Pickles — Shellfish



SARDINES
 in olive oil and in Tomato, with Pickles, with Lemon, with Pepper, Boneless etc. etc. etc.

BRANDÃO & C.º. LIMITED

P. O. Box 33

Telegraphic Address: **VARINA** — Matozinhos



FUNDADA EM 1920



MARCA REGIST.

CASEBRE

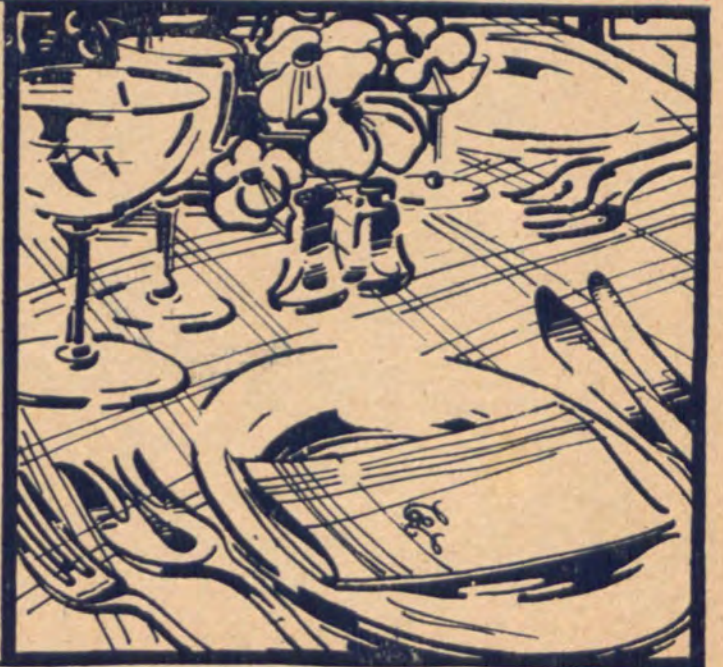
FLORBELA ESPANCA
 FILIATED MUNICIPAL DE MATOZINHOS
 (ROUVA HISTORICA)

conservas

CASEBRE & C. Lda.
 FABRICA DE CONSERVAS
 A INDEPENDENCIA
 MATOZINHOS - TLF. 51

NET CONTENT 4 1/2 OZ.
Casebre
 BRAND
 SARDINES PORTUGAISES
 À L'HUILE
 PORTUGAISE
 PACKED IN
 PORTUGAL
 SARDINHAS
 EM AZEITE
 PORTUGAISE

MARCAS:
 VENKEDOR - SARDINHAS
 SAFRA - CASEBRE
 INDEPENDENCIA
 E VENI.VICI

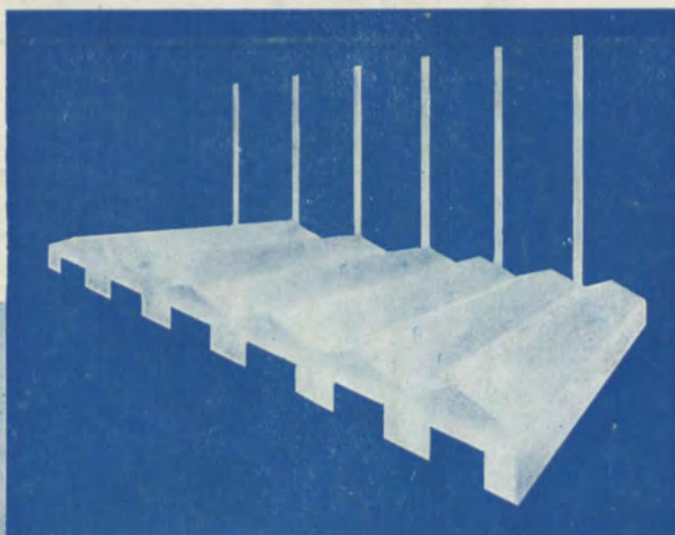


ALGARVE EXPORTADOR

CONSERVAS : REVISTA MENSAL DA INDÚSTRIA
RES FL PR 664.95(05) COM




097813



SIÈGE A



 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

6 MARQUES PRINCIPALES

N I C E
NICETTE
C I N E
FLORA
CORAL
TRIADE

RENOMMÉE MONDIALE



FLORBEL ESPANHA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



6 GRANDES USINES AU PORTUGAL

LISBOA • SETUBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARETH • MATOSINHOS

CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE

LAZARO